

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

LEONARDO SILVA BRANDÃO

**A TERRA PROMETIDA: ISRAEL E OS PENTECOSTAIS NO ITAMARATY DE
BOLSONARO**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM GOVERNANÇA GLOBAL E FORMULAÇÃO DE
POLÍTICAS INTERNACIONAIS**

**São Paulo
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

LEONARDO SILVA BRANDÃO

**A TERRA PROMETIDA: ISRAEL E OS PENTECOSTAIS NO ITAMARATY DE
BOLSONARO**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM GOVERNANÇA GLOBAL E FORMULAÇÃO DE
POLÍTICAS INTERNACIONAIS**

Trabalho Final apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais, sob orientação do professor Doutor Tomaz Oliveira Paoliello.

**São Paulo
2022**

LEONARDO SILVA BRANDÃO

**A TERRA PROMETIDA: ISRAEL E OS PENTECOSTAIS NO ITAMARATY DE
BOLSONARO**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM GOVERNANÇA GLOBAL E FORMULAÇÃO DE
POLÍTICAS INTERNACIONAIS**

Trabalho Final apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais, sob orientação do professor Doutor Tomaz Oliveira Paoliello.

Data de aprovação: ___/___/___

Banca Examinadora:

LEONARDO SILVA BRANDÃO

**A TERRA PROMETIDA: ISRAEL E OS PENTECOSTAIS NO ITAMARATY DE
BOLSONARO**

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a atuação pentecostal na política brasileira, dentro do Governo Bolsonaro, mais especificamente. Para isto, lançamos mão de pesquisa bibliográfica trilhando um caminho investigativo sobre trabalhos acadêmicos e jornalísticos que se debruçaram sobre o tema. O foco principal de nossa investigação foi a influência ideológica pentecostal na Política Externa do Governo Bolsonaro para Israel. Com este objetivo como rumo principal, este trabalho visa, em primeiro lugar, por em perspectiva o pentecostalismo no Brasil, seu histórico no país, sua atuação na sociedade brasileira e seus aspectos religiosos mais preponderantes. Em um segundo momento, o trabalho visa compreender aspectos conjunturais históricos que aproximaram Bolsonaro dos pentecostais e elementos ideacionais presentes no pentecostalismo que proporcionaram a adesão de suas lideranças ao Bolsonarismo. Em um terceiro momento, o trabalho visa, finalmente, enxergar a atuação dos pentecostais no Governo Bolsonaro, identificar e analisar o sionismo cristão que aproxima os pentecostais do Estado de Israel e a influência da religião na Política Externa do Itamaraty, sob Bolsonaro, para Israel.

Palavras chave: Pentecostalismo; Bolsonaro; Itamaraty; Política Externa; Israel; Sionismo Cristão.

ABSTRACT

This research aims to analyze the Pentecostal role in Brazilian politics, within the Bolsonaro Government, more specifically. For this, we used bibliographical research treading an investigative path on academic and journalistic works that focused on the subject. The main focus of our investigation was the Pentecostal ideological influence on the Bolsonaro Government's Foreign Policy towards Israel. With this objective as its main course, this work aims, in the first place, to put Pentecostalism in Brazil in perspective, its history in the country, its role in Brazilian society and its most predominant religious aspects. In a second moment, the work aims to understand historical conjunctural aspects and ideational elements present in Pentecostalism that provided the adherence of its leaders to Bolsonarismo. In a third moment, the work aims, finally, to see the performance of Pentecostals in the Bolsonaro Government, to identify and analyze the Christian Zionism that brings Pentecostals closer to the State of Israel and the influence of religion in the Foreign Policy of Itamaraty, under Bolsonaro, for Israel.

Keywords: Pentecostalism; Bolsonaro; Itamaraty; Foreign policy; Israel; Christian Zionism.

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. O Pentecostalismo no Brasil: crescimento, influência e atuação política	13
2.1 Pentecostalismo no Brasil: breve revisão histórica	16
2.2 Pentecostalismo e sociedade	20
2.3 Pentecostalismo e política: fé, poder e a Frente Parlamentar Evangélica	25
3. Pentecostais e Bolsonarismo: aspectos conjunturais, ideológicos e teológicos	29
3.1 Relações de Jair Bolsonaro com lideranças pentecostais	30
3.2 Crise do petismo e a insurgência de uma onda conservadora	32
3.3 Ideologia neoliberal e a Teologia da Prosperidade	35
3.3.1 A popularização do ideário neoliberal	36
3.3.2 A Teologia da Prosperidade	37
3.4 Teologia do Domínio	42
3.5 O maniqueísmo pentecostal na política	45
3.6 Uma palavra sobre o populismo de direita	47
4. Articulações entre pentecostalismo e sionismo cristão na política externa de Bolsonaro: antecedentes, influências e a chegada no Itamaraty	51
4.1 O sionismo cristão no Brasil e suas relações com a Direita Cristã estadunidense	51
4.1.1 A Direita Cristã estadunidense e o sionismo	52
4.1.2 Trump, os pentecostais e Israel	55
4.2 A Direita Cristã, os pentecostais brasileiros e Bolsonaro	56
4.3 Dispensacionalismo e utilitarismo no <i>lobby</i> pró-Israel	59
4.4 O sionismo pentecostal nos discursos parlamentares	62
4.5 O Itamaraty de Bolsonaro	65
4.5.1 O elemento ideológico	65
4.5.2 A Terra Prometida no Itamaraty de Bolsonaro	69
Considerações Finais	73
Referências Bibliográficas	76

1. INTRODUÇÃO

Quando Nietzsche anunciou a morte de Deus, no livro III da Gaia Ciência (1882), no agora distante século XIX, que então vivia o auge da secularização, iniciada nas Luzes e reforçada pelo positivismo, pela ciência e pelo materialismo, talvez não pudesse imaginar que, um século depois, Deus ou a religião, voltariam à cena pública com força, desafiando séculos de negação e ostracismo.

A religião, sobretudo depois da década de 70, concomitantemente a acontecimentos históricos importantes como a emergência e consolidação do neoliberalismo, a crise do petróleo, a crise fiscal do Estado, voltou a ocupar os noticiários, a exercer força política, a se fortalecer socialmente, arrebanhando multidões e crescendo em todos os âmbitos (CHAUÍ, 1998). O Cristianismo em um de seus mais pujantes braços, mostrou seu vigor ampliando sua conexão com a pós-modernidade, ocupando espaços públicos, ingressando na cultura de massa (BARBOSA, 2017), na qual se tornou também um interessante produtor cultural. Dominando, com maestria, as técnicas do marketing e das comunicações sociais, os pentecostais têm se multiplicado, principalmente no Terceiro Mundo, a partir de sua matriz estadunidense.

No Brasil, as estatísticas dão conta de um país que caminha a passos largos para tornar-se evangélico, notadamente pentecostal (neopentecostal), trocando sua identidade centenária vinculada ao catolicismo. (MARIANO, 2011). O pentecostalismo tem se mostrado permeável a outros fenômenos religiosos, como o fundamentalismo, de matriz estadunidense, assimilação com religiões de matriz africana, e uma recente hibridização com simbolismos judaicos.

Porém, uma das coisas que mais tem chamado a atenção neste movimento religioso, é o fato de se mostrar, nos últimos anos, uma religião transnacional com grande poder de impacto político, social e cultural onde se instala, por consequência, têm mostrado que pode trabalhar arduamente por seus ideários teológicos e políticos na arena pública (CAVALO; ULRICH, 2021). Nota-se, dos anos 80 em diante, uma guinada dos evangélicos à Direita, inicialmente a direitas conservadoras e liberais, porém, mais recentemente, vemos um movimento acelerado de guinada à extrema

direita que, de alguma forma, amalgamou-se com o fundamentalismo e sua matriz moral conservadora, ideário político reacionário e militância política intensa.

Os populismos de direita da Quarta Onda da far-right no mundo (MUDDE, 2022) parece angariar com facilidade os pentecostais mais conservadores, quando vemos no Brasil, por exemplo, os pentecostais sendo uma base forte do populismo bolsonarista. Nota-se também uma crescente afinidade entre os pentecostais e o Estado de Israel, com a Frente Parlamentar Evangélica atuando fortemente no Congresso Nacional para que o Brasil se alinhe ao estado israelense e a presença forte de uma teologia sionista nos círculos pentecostais que mobiliza os fiéis a nutrirem um afeto especial por Israel e até mesmo a enxergar a constituição do estado judeu no território palestino como um sinal do fim dos tempos. Some-se a isto uma “judaização” das igrejas pentecostais que, em seus cultos, adotam símbolos judaicos, liturgias em hebraico, referências visuais ao Primeiro Testamento.

Compondo o quadro, vê-se nas manifestações populares das direitas no Brasil, uma presença cada vez mais recorrente da estrela de Davi e de bandeiras do Estado de Israel empunhadas por manifestantes evangélicos. Diante disto, cabe nos perguntar, qual a relação entre Israel, a direita brasileira e os evangélicos pentecostais? Como um dos primeiros atos de seu governo, em 2019, Bolsonaro visitou o estado judeu e prometeu, a exemplo de Trump, transferir a embaixada brasileira para Jerusalém, ao que foi bastante aplaudido por líderes políticos pentecostais. Existiria, portanto, alguma relação entre os três fenômenos – pentecostalismo, bolsonarismo e Israel – dada a conjuntura presente?¹

Para investigar as correlações entre estas frentes atuantes na política brasileira sob Bolsonaro, o presente trabalho tem por objetivo debruçar-se sobre o assunto. Para isto, dividimos a investigação em um percurso encadeado visando, não exaustivamente, mas em perspectiva, enxergar as correlações ou imbricamentos entre pentecostalismo, bolsonarismo e sionismo cristão e enxergar se, e como, estes

¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/quem-sao-os-evangelicos-que-apoiambolsonaro/>. Acesso em 01/12/2022.

atuam em conjunto na política brasileira, mais marcadamente, a política externa do MRE (Itamaraty) sob a gestão de Jair Bolsonaro.

O capítulo dois, procurou colocar resgatar, brevemente, a história da religião pentecostal no Brasil, sua atuação na sociedade brasileira, seus principais aspectos teológicos e religiosos e sua atuação na política nacional – assim, o leitor é introduzido ao conhecimento da religião e de sua atuação no país para que possa, no capítulo três, compreender com mais base histórica a relação pentecostalismo bolsonarismo.

No capítulo três, o trabalho objetivou fazer um breve resgate de aspectos conjunturais na história brasileira que serviram de palco para a aproximação dos pentecostais com Bolsonaro. Também fez um apanhado das principais teologias formadoras do ethos pentecostal brasileiro – crenças e doutrinas já presentes no ambiente pentecostal que permitiram uma acomodação do bolsonarismo, suas ideologias e sua práxis neste meio religioso – a mobilizar os fiéis a assimilarem, teologicamente, as narrativas e discursos do populismo bolsonarista.

O objetivo específico aqui foi compreender como os crentes pentecostais se tornaram base forte do Governo Bolsonaro, a partir do que eles creem, de elementos ideacionais que já possuíam em sua fé e em suas igrejas e que se imbricaram com os discursos do populismo bolsonarista. Deste modo, a compreensão da atuação de líderes pentecostais no governo, sua interferência em políticas públicas, fica mais clarificada e nos prepara para os próximos passos.

No capítulo quatro, finalmente, iniciamos enxergando a presença política pentecostal no Governo Bolsonaro e sua atuação traduzida em discursos e ações presidenciais, e simbolicamente em muitos momentos. Procuramos pôr em perspectiva a PEB para Israel, no Itamaraty sob Bolsonaro, e através de uma elucidação histórica da doutrina dispensacionalista como importante marcador da teologia pentecostal – sua origem, sua presença nas igrejas brasileiras, sua presença na Frente Parlamentar Evangélica através de discursos dos parlamentares evangélico pentecostais – compreender sua influência no Governo e nas medidas – efetivas e simbólicas – tomadas por Bolsonaro em relação ao estado israelense. O objeto

específico aqui é identificar o sionismo² presente na teologia pentecostal – e nos políticos pentecostais – e como isso refletiu e influenciou o Itamaraty e as relações brasileiras com Israel.

O objetivo principal do trabalho, portanto, é se debruçar sobre a questão religião nas Relações Internacionais, mais especificamente no Brasil, na era Bolsonaro, uma vez que houve um alinhamento Brasil – Israel nos quatro anos de governo, fundamentado, principalmente pela influência pentecostal sobre o presidente da República e, consequentemente, sobre o Itamaraty.

Para isto, utilizamos como metodologia principal, pesquisa bibliográfica de trabalhos, artigos, teses e livros acadêmicos que analisavam a temática, bem como consulta a reportagens e editoriais sobre o tema na grande mídia (uma vez que, segundo levantamento bibliográfico feito para esta pesquisa, quanto se discuta nesses ambientes sobre a presença dos pentecostais no governo Bolsonaro e o filosemitismo entremeado nesta relação, pouco se fala dos elementos ideacionais que proporcionaram importantes intersecções entre bolsonarismo, pentecostalismo e sionismo, como intentamos fazer aqui). Também analisamos discursos de parlamentares e pastores, bem como do próprio presidente, presentes nas redes sociais, em reportagens e em artigos acadêmicos.

Vale ressaltar, como última palavra introdutória, que o termo pentecostal, hoje, abarca inúmeros movimentos, denominações e subdivisões nas discussões acadêmicas, não sendo possível, por falta de espaço e por interesse diverso, dissecar essas diferenças semânticas no termo neste trabalho.

Portanto, adotamos aqui a utilização do termo pentecostal por ser o mais abrangente e o mais utilizado na literatura acadêmica para se referir ao fenômeno religioso brasileiro e suas implicações no país, sobretudo na política, e pôr o “guarda-chuva” principal que abarca as subdivisões - como o neopentecostalismo por exemplo

² Neste trabalho, utilizaremos a definição de sionismo dada por Andrew Crome em *Christian Zionism and English National Identity, 1600 – 1850*: “motivações teológicas baseadas na crença de que os judeus teriam, por graça divina, o direito de posse e de habitar a terra prometida a eles na Bíblia Hebraica e que os cristãos tinham o dever e ou obrigação de apoiá-los nesta causa” (CROME, 2019; apud MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021,pg. 3).

– (MARIANO, 2014). Também, aqui, utilizamos o termo “Nova Direita” para falarmos especificamente do fenômeno de insurgência das direitas no Brasil pós impeachment, uma vez que a Direita brasileira tem um longo histórico e os termos extrema-direita, direita populista, direita bolsonarista, conservadorismo, neofascismo também são utilizados em produções acadêmicas e no debate público para falar do mesmo fenômeno (MUDDE,2022).

Justificamos o tema da pesquisa dada a conjuntura atual de uma presença religiosa recrudescente no cenário brasileiro, mais marcadamente no populismo bolsonarista, somada a um crescimento exponencial do número de pentecostais no Brasil onde verifica-se uma atuação forte deste grupo religioso, uma ascendência vigorosa de lideranças pentecostais no cenário público do país, orientadas por um sionismo - baseado em doutrinas cristãs dispensacionalistas - que as mobiliza a amarem o judaísmo, a cultura judaica, a promoverem um intenso turismo religioso para Israel e, principalmente, a atuarem politicamente em favor do estado judeu à semelhança da Direita Cristã estadunidense sob Trump.

2. O PENTECOSTALISMO NO BRASIL: CRESCIMENTO, INFLUÊNCIA E ATUAÇÃO POLÍTICA

Elefante na sala. Assim o antropólogo Juliano Spyer define, com uma certa ironia, a questão “evangélicos” na sociedade brasileira (SPYER, 2020). A expressão popular denota uma questão que, por mais que seja evidente ou importante, é ignorada, menosprezada, subestimada ou deixada de lado pelo risco de se ter um problema maior caso seja evidenciada.

Spyer afirma: “os evangélicos se tornaram o nosso elefante na sala: o fenômeno de massas mais importante das últimas décadas que é tratado como se ele não estivesse ali.” (SPYER, 2020, pg. 21). É bem verdade que, desde a década de 80, livros, periódicos, trabalhos e artigos acadêmicos, sobretudo na sociologia, têm tocado no assunto, mas também se percebe uma postura de evitação, na grande mídia e no debate público em geral (SPYER, 2020), de se discutir sobre o assunto – as representações dos evangélicos na cultura são, quase sempre, caricaturais e jocosas³.

Na década de 70, quando começaram a ocupar espaços na mídia e a mostrarem-se com mais evidência na sociedade, os evangélicos representavam apenas 5% dos brasileiros. Hoje, já representam um terço da população do país (cerca de 70 milhões de fiéis), com estatísticas prevendo uma rápida virada na próxima década onde o número de evangélicos ultrapassará o número de católicos (SPYER, 2020).

O susto geral veio com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018, com um maciço apoio evangélico. Ali, a sociedade brasileira em geral, viu não sem uma boa pitada de assombro, a consolidação do poder evangélico no âmbito público nacional, poder este que já vinha consolidando-se desde a redemocratização,

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/cren-tefobia-vira-debate-num-pais-onde-evangelicos-ja-sao-maioria-entre-jovens.shtml>. Acesso em 15/01/2023.

paulatinamente, no Congresso Nacional, mas que agora mostrava-se com força na cadeira da presidência da República.

Dos evangélicos brasileiros, a maior parte é pentecostal. O Brasil é o país com maior número de pentecostais do mundo (ANDERSON, 2014), cerca de 60% a 70% do número de evangélicos brasileiros é de pentecostais/neopentecostais. A capacidade de crescimento do pentecostalismo é impressionante, seu crescimento no continente latino-americano é “uma das passagens mais notáveis da história do cristianismo” (ANDERSON, 2014, pg. 87).

A crise do catolicismo no continente latino-americano é uma realidade cristalina desde a segunda metade do século XX. Algumas das razões elencadas por Castells e Calderón (2020), seriam a histórica convivência das lideranças católicas com as elites locais, a falta de adequação da Igreja Católica às transformações sociais no continente, como os direitos das mulheres, sobretudo no tocante aos direitos reprodutivos, a diversidade sexual dos jovens e a postura teimosamente patriarcal da hierarquia, que, na contramão do mundo onde, segundo eles, o patriarcado está desmoronando em todas as esferas da sociedade, permanece sendo rigidamente masculina e patriarcal; associados a isto, estariam os muitos escândalos de corrupção e os acobertamentos de abusos sexuais.

Em meio à crise do catolicismo, notou-se o crescimento do pentecostalismo através da TV e da rádio, quando televangelistas marcaram presença na mídia, anunciando curas, milagres e prosperidade financeira aos fiéis, arrebanhando multidões em todo o mundo, de forma massiva nos EUA e na América Latina, no Brasil mais acentuadamente.

O movimento pentecostal na América Latina tem mostrado “una inédita capacidad de globalización” (SERMÁN, 2019, p.30). O movimento tem uma capacidade surpreendente de adaptar sua mensagem a espiritualidades locais, e flexibilizar sua teologia e liturgia com as quais dissemina rapidamente sua mensagem entre as mais diferentes camadas da população. Os pentecostais se mostraram intensamente hábeis no domínio dos meios de comunicação, o que deu um impulso grandioso à sua expansão internacional:

“Las iglesias pentecostales comenzaron a hacer un marcado uso de todas las innovaciones comunicacionales disponibles y aplicaron también técnicas de “iglerecimiento” (*church growth*), que habían sido exitosas en Corea del Sur. Todo este despliegue permitía, aconsejaba y posibilitaba el desarrollo de megaiglesias. No obstante, el neopentecostalismo designa cada vez más una nueva fase del desarrollo del pentecostalismo y cada vez menos un tipo de iglesia.” (SEMÁN, 2019, p. 33).

Entre 1910 e 2014, a população de católicos passou de 94% na América Latina para 69% enquanto a população de evangélicos passou de 1% para 19%⁴. A lenta produção de sacerdotes católicos e a rápida produção de lideranças evangélicas pentecostais, além da capilaridade pentecostal em periferias e regiões rurais x a lenta instalação de comunidades católicas nestas regiões, podem explicar a redução do número de católicos na América Latina com o inversamente proporcional crescimento de evangélicos.

Semán (2019), apresenta dois importantes fatores para o crescimento pentecostal latino-americano: a noção da atualidade dos dons do Espírito Santo (ações sobrenaturais hoje) e o sacerdócio universal dos crentes (a ideia de que todo fiel é um sacerdote). A crença na atualidade dos dons do Espírito Santo entre os fiéis, os abre para o sobrenatural, o que conversa facilmente com a sensibilidade religiosa e supersticiosa das camadas populares da América Latina. A categoria do milagre e do místico é familiar aos povos latinos e é facilmente assimilada no escopo de crenças deles. Semán afirma:

“El milagro, que en una mirada secularizada es algo extraordinario y posterior a todas las razones, es en esta perspectiva “popular” una posibilidad primaria y anterior a toda experiencia. Esta sensibilidad encantada es mucho más interpelada por la perspectiva de la teología pentecostal y sus adaptaciones locales y contemporáneas que cualquier teología católica, que hace enormes concesiones a la ciencia y a toda una jerarquía de dominios eclesiás que son necesarios para reconocer como milagro lo que en las iglesias pentecostales ocurre todo el tiempo”. (SEMÁN, 2019, p.36).

⁴ Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/PEW-RESEARCH-CENTER-Religion-in-Latin-America-Portuguese-Overview-for-publication-11-13.pdf>. Acesso em: 15/10/2022.

O segundo fator de crescimento importante, é a noção protestante do sacerdócio universal dos crentes, oriunda da Reforma Protestante, porém acentuada no pentecostalismo. O empoderamento do fiel pentecostal como um sacerdote, ainda que não tenha uma ordenação eclesiástica oficial para isto, o coloca como alguém que tem liberdade para pregar, orar pelas pessoas, realizar cerimônias religiosas, propagar o evangelho e inaugurar congregações. Isto dá ao fieis uma dinâmica cultural e logística que possibilita o rápido espalhamento da mensagem, sempre adaptada às realidades culturais locais. Sobre isto, Semán afirma:

“Esta dinamica verdaderamente asombrosa implica que el pentecostalismo crece justamente por las mismas razones por las que otros grupos tal vez no lo hacen: la universalidad del sacerdócio, que recrea infinitas versiones del pentecostalismo, promueve un crecimiento por fraccionamiento y no por agregación en unidades cada vez mayores. Es así como religiones de fuerte intención proselitista pero de inquebrantable vocación centralizadora y portadoras de una teología que no guarda las mismas posibilidades de sintonía popular que el pentecostalismo, como los testigos de Jehová o los mórmones, registran um crecimiento casi nulo. Los pentecostales, a su turno, muestran una capacidad de penetración territorial y cultural capaz de atraer múltiples fragmentos sociales en grán numero de hibridaciones de pentecostalismo y diversas formas de cultura popular y masiva.” (SEMÁN, 2019, p.37).

2.1 Pentecostalismo no Brasil: breve revisão histórica

No início do século XX uma nova vertente do protestantismo chega ao Brasil. Em março de 1910 o pregador italiano Luigi Francescon (1866-1964) aportou em terras brasileiras trazendo o chamado evangelho pentecostal e inaugurando as primeiras comunidades pentecostais em São Paulo e no Paraná, comunidades estas que se juntariam depois formando a primeira igreja pentecostal brasileira, a Congregação Cristã no Brasil. Em novembro do mesmo ano outros dois missionários estrangeiros aportaram em Belém do Pará trazendo a mensagem pentecostal para o norte do país, os suecos Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933). Estes evangelizaram, a princípio, o norte e o nordeste do Brasil estabelecendo

comunidades pentecostais que chegaram até o Rio de Janeiro e depois se espalharam por todo o país formando a segunda e maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus, maior denominação evangélica do mundo.

Os pentecostais têm como marco inicial de seu movimento reuniões de oração feitas no Colégio Bíblico Betel em Topeka, estado de Kansas e posteriormente na rua Azuza em Los Angeles, nos EUA (SYNAN, 2009). Ali sob a orientação de Charles Parham (1873-1929) professor de teologia e um de seus alunos, o pregador William J. Seymour (1870-1922) os fiéis de diversas denominações tradicionais se encontravam para estudos bíblicos sobre os dons do Espírito Santo e reuniões de oração onde suplicavam a Deus o recebimento destes mesmos dons, conforme os relatos bíblicos do livro de Atos dos Apóstolos, sobretudo no famoso capítulo 2 onde o Espírito Santo desce sobre os cristãos primitivos e também conforme as listas de dons e manifestações espirituais que o Apóstolo Paulo dá na Primeira Carta aos Coríntios capítulos 12, 13 e 14 (SYNAN, 2009).

Nestas reuniões os fiéis passaram a relatar a manifestação de fenômenos ditos sobrenaturais como curas milagrosas, êxtases espirituais como pessoas que caíam ao chão em transes, e aquele que seria marca registrada do movimento na história, o recebimento do batismo com o Espírito Santo com a *glossolália* como evidência, o fenômeno de falar em outras línguas não aprendidas e até mesmo ininteligíveis para o falante.

O protestantismo histórico já havia democratizado a religião cristã no Brasil em alguma medida. A Bíblia havia sido traduzida para línguas vernáculas, os leigos participavam mais ativamente dos serviços da igreja, homens casados se tornavam sacerdotes e a hierarquia eclesiástica não era tão rígida e vertical quanto no catolicismo. Mas é com o pentecostalismo que uma verdadeira revolução na forma de se viver a fé cristã protestante acontece. Enquanto as igrejas tradicionais focaram seus esforços de evangelização nas classes burguesas do país, formando elites intelectuais em seus colégios para a direção das comunidades, os pentecostais direcionaram sua pregação para o povo simples dos centros urbanos e também das áreas rurais do Brasil.

Enquanto a Igreja Católica apenas ordenava para o sacerdócio filósofos e teólogos, seguida neste modelo pelas igrejas protestantes tradicionais, o pentecostalismo incluiu na liderança de suas igrejas indivíduos de classes sociais mais baixas. Sapateiros, pedreiros, carpinteiros, motoristas, trabalhadores rurais, pessoas sem instrução e muitas vezes semianalfabetas passaram a ser ordenadas a cargos importantes como pastores e líderes, presbíteros, diáconos e oficiais da igreja, gente simples, porém engajada com o crescimento de suas congregações e a unidade de suas igrejas (ROLIM, 1985).

A ênfase dos pentecostais desde o início foi colocada na busca de uma santificação pessoal que separasse o fiel do mundo profano e o aproximasse de Deus. Essa ascese trazia consigo aspectos morais bem delineados como castidade sexual, abstinência completa de cigarros, bebidas alcoólicas, jogos de todo tipo, festas e boates. A ascese se refletia também na estética dos fiéis, onde as mulheres adotaram um vestuário modesto, sem maquiagens e joias, saias e vestidos longos e cabelos cumpridos e presos, os homens, por sua vez, adotaram a formalidade dos ternos nos cultos oficiais.

Esta santificação seria aperfeiçoada por uma vida de constante oração e jejum, leitura da Bíblia, piedade para com os necessitados, rejeição ao pecado em todas as suas formas e a prática dos dons do Espírito Santo, conforme listados pelo apóstolo Paulo em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 12 (BIBLIA DE JERUSALÉM), quais sejam: dons de línguas, profecia, curas, milagres, discernimento de espíritos, palavras de conhecimento. Além disso, uma forte expectativa do regresso iminente de Jesus à Terra e do arrebatamento dos fiéis para o céu, tornou-se parte central da experiência pentecostal.

Uma nova identidade passou a ser dada a estas pessoas que, em sua maioria provenientes das classes trabalhadoras e rurais, em geral excluídas nas sociedades urbanas por condições econômicas precárias, mal remuneradas, sem instrução e totalmente fora do *establishment*, sem possibilidades de ascensão social, foram pouco a pouco apoiando umas às outras, ganhando sentido de vida, sendo promovidas a oficiais da igreja ocupando cargos e acumulando atividades que iam gerando autoestima e um senso de importância e significação social (ROLIM, 1985). Estes

fatores, em alguma medida, mostram o porquê destas comunidades se afastarem tanto do convívio social com os não crentes para vivenciar uma fé, fé esta que criava um vínculo forte entre os irmãos da igreja e os levava a colocar suas esperanças em um mundo perfeito num futuro que, de um momento para o outro poderia se tornar real e presente com a vinda de Jesus, muito além deste mundo, visto pela ótica pentecostal como pecaminoso, violento e totalmente desigual.

Esta postura definiu na opinião pública em geral, por um bom tempo, os crentes pentecostais como pessoas reclusas, avessas à sociedade e à cultura de massa e, até mesmo, como pessoas que arrogavam a si superioridade moral em relação às demais.

A comunicação do evangelho também foi adaptada por essa nova vertente evangélica focada nos trabalhadores. Os sermões rebuscados, cheios de termos filosóficos, com temas teológicos e linguagem bem elaborada foram substituídos por pregações objetivas que falavam da vivência dos princípios evangélicos nos diversos dramas cotidianos da vida dos trabalhadores. A erudição foi abandonada dando lugar a um espaço orgânico onde pessoas não apenas falam com Deus e cumprem suas obrigações religiosas, mas também se encontram com o outro que vivencia experiências diárias semelhantes e compartilha as mesmas experiências de vida. Os cultos não eram mais mera obrigação de domingo senão um encontro social de trocas onde todos compartilhavam seus testemunhos de vida publicamente enquanto os irmãos celebravam as palavras com verdadeiros gritos de júbilo: “Glória a Deus, aleluia, bendito o nome do Senhor!”. (ROLIM, 1985).

Uma nova comunicação oral popular passou a ser estabelecida. Nela, o pastor não tem obrigação de precisão teológica no sermão pregado, mas fala abertamente numa linguagem popular, emocionada, usando palavras e termos da cultura popular que são imediatamente compreendidos por seus ouvintes e pares. As músicas são compostas agora de melodias simples, estribilos que são facilmente decorados e não exprimem mais conceitos teológicos clássicos e sim os dramas, alegrias, dificuldades e esperanças das camadas mais pobres da sociedade.

O pentecostalismo adequou sua comunicação ao público que queria alcançar, na pregação do púlpito, na música, no tratamento entre os fiéis, nos sacramentos da igreja simplificando a compreensão da Bíblia e falando de maneira coloquial. Leonildo Silveira Campos em seu livro *Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal* (1997), exemplificando este fenômeno, cita uma frase do professor de comunicação, Quentin J. Schultze que exemplifica bem esta realidade: “os pastores pentecostais, como condutores de uma cultura oral, são conhecidos mais por suas habilidades de mover e agitar a congregação, emocionalmente, do que por seus conhecimentos ou cultura” (SILVEIRA CAMPOS, 1997, p. 246). Esta mudança de posicionamento religioso, comunicacional e institucional fez as igrejas evangélicas pentecostais experimentarem um crescimento vertiginoso desde os primeiros anos do século XX (ROLIM, p. 104).

2.2 Pentecostalismo e sociedade

Apesar das generalizações, das representações caricatas que se fazem na cultura sobre eles, das acusações de charlatanismo, obscurantismo e escapismo sobrenatural, os evangélicos estão por toda parte e têm uma atuação vigorosa na sociedade brasileira⁵.

David Smilde, sociólogo estadunidense, em seu livro *Razões para crer* (2012) onde destaca a atuação cultural das igrejas evangélicas na América Latina, demonstra que, em um contexto de ausência do Estado e de iniciativas privadas e empresariais que elevem a qualidade de vida das populações que habitam nas periferias das grandes cidades, bem como nos rincões rurais e sertanejos da América, é, de uma maneira cada vez mais evidente, preponderante a atuação da religião, notadamente das igrejas evangélicas.

A rede de irmãos e irmãs formada pela fé, é uma valiosa ferramenta de apoio mútuo entre as famílias. Irmãos não deixam outros irmãos passarem fome, a solidariedade é uma necessidade básica nessas comunidades de fé onde pastores e

⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/tres-coisas-que-e-preciso-saber-para-se-falar-dos-evangelicos-no-brasil/>. Acesso em 15/01/2023.

fieis identificam as famílias com pais e mães desempregados, e doam cestas básicas, produtos de higiene pessoal, fraldas e provisões para as crianças. Os comércios e pequenos empreendimentos dos irmãos são frequentados por outros irmãos que dão preferência a consumir ali para fomentar os negócios dos companheiros de fé.

Nestas redes, também é bastante comum irmãos “arrumarem” empregos para os desempregados, visitarem os doentes levando-lhes remédios. São notórios, também, os esforços das igrejas no que tange à educação. Aulas de alfabetização de adultos são comuns nas igrejas evangélicas, além de cursos de Libras para que os fiéis deficientes possam ter o culto interpretado em sua linguagem, além de aulas de inglês, corte e costura, estética, educação financeira.

As escolas bíblicas, onde voluntários ensinam a Bíblia para os fiéis, introduzem os crentes à leitura e, para muitos deles, são o primeiro contato com um ambiente escolar, onde são incentivados à leitura, a adquirir conhecimento e até mesmo a graduar-se em educação formal, muitos deles tendo aí um incentivo para entrarem numa faculdade, que, normalmente, não teriam em seu ambiente familiar ou no convívio com amigos e vizinhos, além de adquirirem nestes espaços habilidades importantes como um vocabulário mais amplo, falar em público, vestir-se bem e pequenas regras de etiqueta e convívio social.

As igrejas se destacam também na capacitação artística. A música gospel se tornou, na primeira década dos anos 2000, um mercado milionário com abundância de artistas, quase todos vindo de pequenas igrejas das periferias. Cantores, compositores, atores, dançarinos, técnicos de audiovisual, fotógrafos, maestros e instrumentistas são formados nas próprias igrejas com o objetivo de atuarem nas celebrações em corais, bandas e orquestras, espetáculos teatrais e de dança, muitos deles partindo para carreiras no mundo secular a partir destas experiências em suas comunidades de fé. Onde mais brasileiros das camadas populares teriam contato gratuito com educação, arte e cultura fora destes espaços?

O antropólogo Juliano Spyer (2020) destaca pelo menos quatro consequências positivas para o ingresso de um fiel no convívio das igrejas: capacidade de resiliência

e disciplina, estado de bem-estar informal, incentivos para o estudo e maior igualdade de gênero.

Com relação à capacidade de disciplina e resiliência, Spyer dá como exemplo a jornada que indivíduos que se tornam evangélicos fazem para fora dos vícios em álcool, jogos, cigarro e drogas. Com base em uma pesquisa de Smilde, Spyer (2020, pg. 111) mostra que uma pessoa que se converte precisa abandonar todos os vícios e as igrejas servem como uma rede social substituindo os bares, prostíbulos e às amizades formadas nestes ambientes, promovendo apoio e acompanhamento aos convertidos que se empenham a mudar de vida, mas, também, castigos para aqueles que acabam recaindo. Spyer vê aí uma disciplina que “tende a refletir, por exemplo, na melhor capacidade de aguentar as frustrações e se adaptar ao trabalho formal” (2020, pg. 112). Além disto, estes esforços reconfiguram as relações familiares, problemáticas nos ambientes de favela, diminuindo indicadores de violência doméstica, abusos sexuais, alcoolismo e dependência química.

Ao contrário do Catolicismo e do Espiritismo Kardecista, que mantêm programas de caridade além dos muros, as igrejas evangélicas focam seus esforços de “caridade” em redes de ajuda mútua dentro da igreja, ainda que as grandes denominações, como a Igreja Universal do Reino de Deus, mantenham casas de recuperação, programas de assistência a dependentes químicos e pessoas em situação de rua e até serviços de assistência a mulheres vítimas de violência doméstica.

Spyer, a partir de uma pesquisa do antropólogo Maurício de Almeida Prado (2020, pg. 116), mostra que estas redes de solidariedade e serviço nas igrejas, sobretudo as pentecostais, geram um estado de bem-estar informal, uma vez que promovem nas comunidades onde estão e entre os fiéis, redes de solidariedade, ajuda mútua, indicações de vagas de emprego, visitação a doentes, visitação a pessoas presas, caronas a hospitais e consultas médicas, apoio e intermediação em conflitos familiares, vagas em clínicas de reabilitação, apoio a migrantes recém chegados, hospedagens (pg. 117).

São famosas também as relações e intermediações entre pastores e traficantes (objetos de estudo da antropóloga Christina Vital da Cunha em seu livro *Oração de Traficante, uma etnografia*), onde aqueles intercedem junto aos donos do morro pela segurança de suas igrejas e das famílias de seus fiéis e, muitas vezes, até pagam dívidas de drogas nas bocas de fumo para que jovens e adolescentes, filhos de seus fiéis, não sofram punições ou até penas de morte nos tribunais do crime.

Spyer reflete sobre o contexto brasileiro onde, famílias das camadas populares, conquanto no discurso valorizem o papel e a ação da educação formal, têm atitudes ambíguas em relação a isso, muitas vezes dando preferência a que seus filhos “arranjam” trabalhos, ainda que informais, em vez de focarem nos estudos, para ajudar no orçamento familiar. Com as famílias dos crentes, contudo, percebe-se uma diferença nesta mentalidade. Para se examinar a Bíblia, ato importantíssimo e central na espiritualidade protestante, são necessárias, além da alfabetização, habilidades de leitura e interpretação de texto, o que coloca estas pessoas à frente da média no quesito leitura.

Para Spyer, a educação é vista, pelas famílias evangélicas, como uma forma de disciplinamento dos jovens, como um item de consumo diferenciador, uma vez que o indivíduo deixa de ser ignorante e, através dos estudos, passa a ter acesso a trabalhos formais em escritórios, tendo possibilidades além de trabalhos formais (2020, pg. 119).

A educação passa a ser vista com valor nas famílias evangélico pentecostais, uma espécie de benção de Deus, uma vez que funciona como catapulta que lança o fiel e seus filhos a um mundo de oportunidades de melhoria de vida e ascensão social. Presbiterianos, luteranos, batistas, metodistas têm uma longa tradição de abertura de escolas, colégios e universidades no Brasil.

No quesito igualdade de gênero, há nuances a serem consideradas. Spyer mostra que, pessoas das camadas média e alta da sociedade, além de intelectuais, entendem que as igrejas evangélicas reforçam modelos machistas e patriarcais em suas estruturas e nas famílias. Levantando a discussão teológica, a interpretação de textos bíblicos que colocariam o homem como o “cabeça da mulher”, leva os homens

a terem papel de liderança, uma palavra final nos lares cristãos. Muitas igrejas evangélicas ainda embargam a possibilidade de mulheres ascenderem a cargos de liderança ou exerçam liderança sobre homens.

No entanto, é preciso notar que, em grupos como os pentecostais, grupo mais numeroso entre os evangélicos, o número de mulheres é 20% maior que o de homens, fora o fato de que eles são a ponta de lança das igrejas nos esforços de evangelização e proselitismo (SPYER, 2020, pg. 123).

Os pentecostais foram pioneiros na ordenação de mulheres, em colocá-las nos púlpitos para pregar, cantar e liderar, como o famoso case americano de Aimee Semple McPherson (1890-1944), pregadora pentecostal que fundou a Igreja do Evangelho Quadrangular em Los Angeles, se tornando uma celebridade nacional e promovendo rupturas importantes em uma religião de liderança maciçamente masculina.

Além disto, a partir de pesquisas, Spyer reflete sobre a forma como a conversão masculina sensibiliza os homens, uma vez que a pregação pentecostal ordena que os maridos cuidem de suas esposas, sem dóceis, tolerantes e carinhosos com a família, reconfigurando a identidade machista brasileira nestas famílias, somando isto ao fato de que, ao se converterem, estes homens saem das ruas, dos boteiros, das relações extraconjogais, dos vícios voltando-se ao convívio da família e à uma criação mais próxima e cuidadosa dos filhos.

Nas igrejas pentecostais, as mulheres são incentivadas a estudar para se prepararem melhor para suas funções ministeriais, têm acolhimento ao serem vítimas de violência, falam, pregam, ensinam, cantam, participam da vida da comunidade e ganham papéis de relevância que não teriam fora destes espaços.

Em resumo, a adoção do cristianismo evangélico geralmente amplia a esfera de atuação da mulher para além da vida doméstica e da responsabilidade de criar os filhos para incluir também trabalho formal e atuação em espaços públicos. O trabalho formal oferece o tipo de segurança financeira que tradicionalmente dependia da presença do parceiro. E além do trabalho, a evangélica encontra na igreja um espaço em que a mulher também pode

atuar, por exemplo, como evangelizadora, pregadora e mais recentemente como militante política para defender candidatos da igreja. E se o seu parceiro for crente, os recursos vindos do trabalho do casal passam a ser investidos na melhora da casa, em atividades familiares e, se for o caso, para financiar a educação superior dos filhos. (SPYER, pg. 130).

2.3 Pentecostalismo e Política: fé, poder e a Frente Parlamentar Evangélica

Uma das bancadas de maior poder de pressão no Congresso Nacional, é, sem dúvida, a chamada Bancada Evangélica, oficialmente Frente Parlamentar Evangélica – que chamaremos de FPE a partir de agora – criada em 2003 na Câmara dos Deputados.

Historicamente composta por figurões do meio evangélico-pentecostal, a famigerada bancada é um misto de cantores gospel de segundo escalão, pastores, pregadores famosos, líderes de grandes convenções (ou pessoas chave ligadas a líderes de grandes convenções eclesiásticas), e subcelebridades do mundo gospel brasileiro, provenientes das mais diversas denominações, com interesses difusos e pautas normalmente desconectadas e partidos políticos diversos. Uma coisa, no entanto, sempre conseguiu unir o todo: as pautas morais ou de costumes.

Para Idelber Avelar, falar dos evangélicos no Brasil “sempre significou falar em política” (AVELAR, 2021, pg. 242). O especialista em estudos latino-americanos trabalha com o termo *Partido Teocrata* para designar lideranças evangélicas na FPE que atuam por um projeto de “intervenção e captura do aparato estatal” (2021, pg.242).

Nos anos 80, durante a reabertura política do país, a tradicional postura dos pentecostais, até então avessos à política partidária e pouco interessados nas questões mundanas, passaram a lançar o mote “irmão vota em irmão”. O declínio do número de fiéis da Igreja Católica, já então percebido, também serviu de impulso para que os evangélicos se colocassem como minoria religiosa “perseguida e subsumida na cultura nacional pela hegemonia católica” (JUNIOR; GOULART; FRIAS; 2021, pg. 10).

559) em busca de representatividade e uma comunidade que se auto afirmava e exigia respeitabilidade de sua presença no cenário nacional.

Quando da redemocratização do país, na Assembleia Constituinte, os evangélicos se aproximaram do Poder Legislativo. Do total de 559 constituintes, 37 eram evangélicos ou diretamente ligados a igrejas evangélicas, destes, mais de 50% eram pentecostais, com um histórico gradual de aumento: na legislatura de 1990, foram 23 evangélicos, em 1994, foram eleitos 30 representantes evangélicos. Em 1998, foram eleitos 56; em 2002, 66, período da oficialização da bancada. Em 2006, foram 61 eleitos; em 2010, foram 73 eleitos (DANTAS, 2011). Em 2014, os representantes eleitos foram 75 e em 2018, quando da eleição de Bolsonaro, a FPE elegeu 84 membros.

Avelar (2021), analisando a bancada evangélica sob o prisma da sociologia de Paul Freston, afirma que o ativismo e o conversionalismo dos evangélicos têm direta repercussão nas lutas políticas deste grupo. O ativismo, característico destas igrejas sempre em movimento, dispõe os fiéis à ação nos variados campos aos quais pertencem ou em que estão envolvidos, e o conversionalismo fala de uma cultura de fazer o outro “converter” seu pensamento, “mudar de vida”, abandonar crenças e práticas que lhe são comuns para aderir às crenças e cosmovisões do grupo, o que implica mudar inclusive posições político-ideológicas.

É notado o fato de que, a partir das eleições de 1986, as candidaturas pentecostais ao Legislativo passaram a se avolumar, em meio a um momento de profundas mudanças sociais no país:

Las transformaciones en el campo protestante y pentecostal en Brasil, aliadas al sistema político brasileño pos-1988 (en particular al sistema de representación proporcional de lista abierta y a la alta magnitud de los distritos brasileños), a la pluralización de la sociedad civil y al fin del monopólio católico del mercado religioso, contribuyeron para que produjera el fenómeno de candidatos al Poder Legislativo apoyados oficialmente por iglesias pentecostales. El perfil social de los miembros de las iglesias, el proceso de socialización sectaria, la confianza depositada en los pastores y líderes religiosos, todo ello contribuiría a que estos candidatos recibieran un

apoyo sólido de las iglesias. (LACERDA, Fabio; BRASILIENSE, Jose Mario. In: GUADALUPE, Jose Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastián. Evangélicos y poder en América Latina, 2018, pg. 151).

Puxadas, sobretudo, pelas igrejas Assembleia de Deus (AD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), as igrejas pentecostais começaram a lançar candidaturas oficiais. As candidaturas oficiais funcionam sob análises da quantidade de votos potenciais que cada igreja tem em suas regiões de atuação: o cálculo é feito para que os líderes saibam com quantos votos podem contar para eleger seus representantes nos municípios, estados e no Congresso Nacional. A partir disto, se iniciam as divulgações dos candidatos pelas mídias sociais, rádio, programas de televisão, panfletos e visitas dos candidatos aos fiéis durante os cultos. Daí, pode-se compreender o poder carismático desses líderes e sua grande capacidade de mobilização eleitoral entre os fiéis.

Esta atuação consolidou-se como uma forma de representação institucional dessas igrejas nas assembleias legislativas e no Congresso Nacional: ainda que vindos de uma pluralidade partidária, os candidatos oficiais das igrejas pentecostais, quando eleitos, representam os interesses das igrejas. O êxito evangélico nas eleições legislativas, não ocorreu de maneira equilibrada e proporcional entre os diversos ramos do protestantismo, mas “fue, consecuencia de las candidaturas oficiales pentecostales. Es ese el fenómeno responsable de la irrupcion pentecostal en las elecciones y, en particular, en los legislativos brasileños” (LACERDA, Fabio; BRASILIENSE, Jose Mario. In: GUADALUPE, Jose Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastián. Evangélicos y poder en América Latina, 2018, pg. 173).

Há que se observar o fato de que, quanto representem institucionalmente suas igrejas e os interesses corporativos de suas denominações, os parlamentares pentecostais demonstraram, ao longo dos anos, flutuações político-ideológicas e partidárias, o que alguns vão chamar de pragmatismo, outros de “corporativismo eleitoral” e ainda outros de projeto de poder pentecostal. Nas eleições presidenciais de 1989, Lula, então candidato à presidência da República, foi rejeitado pelos grupos pentecostais que preferiram Collor – a rivalidade com a Igreja Católica fomentou esta rejeição, uma vez que o Partido dos Trabalhadores tinha forte vinculação com padres

e intelectuais católicos e com as Comunidades Eclesiais de Base. Nos pleitos da década de 90, a rejeição à Lula se manteve, com o consequente apoio dos evangélicos a Fernando Henrique Cardoso.

É no pleito de 2002, com a eleição de Lula à presidência, que se vê um movimento de grupos evangélicos pentecostais à base do governo eleito, sobretudo os provindos do Partido Liberal, partido do vice de Lula, José de Alencar, permanecendo assim também no pleito de 2006. Lideranças pentecostais importantes como o pastor Silas Malafaia (ADVEC) se reuniram em uma churrascaria no Rio de Janeiro para declararem apoio à candidatura de Lula⁶; o bispo Robson Rodovalho (Sara Nossa Terra) lançou um manifesto pró-Lula em 2002 e declarou apoio à Dilma em 2010 – ano em que ela também teve o apoio manifesto de Edir Macedo e da IURD (JUNIOR; GOULART; FRIAS. 2021). Além disto, importantes nomes da IURD compuseram governos petistas como Marcelo Crivela, ministro da Pesca e George Hilton, ministro dos Esportes de Dilma. Em 2010, a politização da temática do aborto feita por José Serra, causou ranhuras na aliança entre evangélicos pentecostais e o PT, para o que Dilma, ao ser eleita, designou o pentecostal da Assembleia de Deus, Eduardo Cunha, como porta-voz do governo e mediador junto às alas evangélicas no poder. Nas palavras de Avelar:

Não custa recordar, então, que, tanto em sua primeira ascensão ao executivo nacional, em 2002, como em seu primeiro intento bem-sucedido de pautar uma eleição, em 2010, o bloco teocrata cresceu e se consolidou à sombra do lulismo, alimentado por ele. (AVELAR, 2021, pg. 243)

A partir de 2010, nota-se, no entanto, uma mudança no pêndulo político pentecostal. O esforço geral da FPE foi canalizado para o atravancamento da tramitação de pautas consideradas progressistas no que tange a valores familiares, costumes e aspectos morais da vida. O Plano Nacional de Direitos Humanos-3, de 2009, causou profundo desconforto nas lideranças evangélicas devido à afirmação de políticas públicas voltadas às populações LGBT. O famigerado *kit gay*, espantalho comportamental polemizado a partir do projeto Escola Sem Homofobia da gestão

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t1RHba1cznc>. Acesso em 31/12/2022.

Dilma e de Fernando Haddad, então ministro da Educação, culminou na eleição do pastor pentecostal Marco Feliciano para o comando da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, cujo efeito lançou uma verdadeira bomba na aliança entre o PT e os evangélicos, que, a partir daí, ladeados por deputados conservadores como o então deputado federal Jair Bolsonaro, passaram a encampar uma luta pró família e bons costumes no parlamento.

Dantas (2011) enumera desta forma as pautas morais que passaram a ser encampadas pela FPE:

o combate à descriminalização do aborto, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, a transexualidade, à realização de cirurgias para mudança de sexo, a criminalização da homofobia, a legalização da prostituição, a pedofilia, ao abuso sexual, ao incesto, a pornografia, a prostituição infantil, ao infanticídio, a liberalização das drogas, a dependência química, a lei de biossegurança, a utilização de células-tronco embrionárias em pesquisas científicas, a eutanásia e ao divórcio. Luta-se pela moralização das condutas, pela preservação da “santidade” e pelo retorno às tradições morais, fazendo forte oposição à liberalização sexual e a flexibilização das regras sociais (DANTAS, 2011, p.197).

À esta altura, a FPE e os pentecostais já se mostravam poderosos e uma barreira de resistência às forças progressistas e ao próprio PT, tendo votado em peso a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Porém, não nos alongaremos mais uma vez que nos interessa, agora, analisar como os pentecostais viraram à Nova Direita e ingressaram na saga do bolsonarismo.

3. PENTECOSTAIS E BOLSONARISMO: ASPECTOS CONJUNTURAIS, IDEOLÓGICOS E TEOLÓGICOS

O segundo capítulo deste trabalho trouxe um breve panorama, histórico-sociológico, do pentecostalismo no Brasil, com o intuito de lançar as bases conceituais deste importante segmento religioso na vida nacional, para que, tendo este conhecimento panorâmico como base, possamos avançar para a compreensão do fenômeno do imbricamento desta religião com o fenômeno político-cultural que

chamamos hoje de bolsonarismo e como este é sustentado, dentre outros segmentos, por fiéis pentecostais e suas lideranças, para que, por fim, possamos compreender como estas lideranças influenciaram a política externa do Itamaraty de Bolsonaro, a um alinhamento acrítico ao Estado de Israel, e isto com um ancoramento político-teológico.

Neste terceiro capítulo, procuraremos ver, mais de perto, como elementos ideacionais já existentes no pentecostalismo, puderam aproxima-lo de Bolsonaro cruzando-se com as pautas defendidas pelo político da extrema-direita.

Já há, desde antes da eleição de 2018, uma abundante produção bibliográfica, jornalística, acadêmica e cultural sobre as causas da eleição de Bolsonaro, sob diversos prismas, de diversos pontos de vista das mais diversas áreas e disciplinas. Nossa intenção aqui não é, de maneira nenhuma, fazer uma revisão bibliográfica do *status quaestionis* do fenômeno, e sim procurar enxergá-lo sob a perspectiva de seu imbricamento com o pentecostalismo – tentar ver como e/ou por quê os pentecostais se aproximaram de Bolsonaro e da Direita.

Aqui, cabe uma delimitação: nossa investigação se dará sob os aspectos ideacionais já existentes no pentecostalismo brasileiro que ocasionaram a acomodação do bolsonarismo em seu arcabouço. Por isso, não vamos nos aprofundar em questões conjunturais do fenômeno, já bastante discutidas e ventiladas no debate público atualmente.

3.1 Relações de Jair Bolsonaro com lideranças pentecostais

Como já vimos brevemente no capítulo 2, nem sempre falar de evangélicos na política foi falar de evangélicos à direita, uma vez que estes também já foram base dos governos petistas, participando inclusive de chefias de ministérios na gestão Dilma (2010-2016). Até serem base forte do governo Bolsonaro, houve um caminho que levou os evangélicos à queima das pontes com o petismo e à guinada radical à Nova Direita capitaneada pelo capitão reformado.

A relação entre Bolsonaro e os pastores pentecostais, antecede à candidatura do político ao Palácio do Planalto. Antes de ser um nome cotado para assumir a presidência da República, Bolsonaro já havia ladeado os pentecostais em lutas antiprogressistas (ou contra a Esquerda), no Congresso Nacional.

Conforme mostrado em reportagem da Revista Época, em 2018⁷, Bolsonaro, então deputado federal (PP) pelo Rio de Janeiro, em 2006 ombreava Silas Malafaia na campanha contra o Projeto de Lei n. 122 que tramitava na Câmara dos Deputados, e que seria em seguida arquivado pelo Senado Federal - em resposta à ferrenha oposição que sofreu - projeto que visava a criminalização da homofobia no país. Junior e Souza (2020), classificam este episódio como “um sinal dos tempos anunciando a relação de Bolsonaro e a Bancada Evangélica” e a ascensão de um organizado “discurso conservador, já em curso nas performances de políticos como Marco Feliciano e lideranças do meio evangélico pentecostal como Silas Malafaia” (pg. 1225).

Um importante ponto de inflexão nas relações entre a FPE, já então maciçamente composta de lideranças pentecostais, e o PT, talvez tenha sido a eleição de Marco Feliciano para a Comissão de Direitos Humanos em 2011, uma comissão privilegiada para quem deseja controlar o fluxo de debates sobre as famigeradas “pautas de costumes” tão caras aos evangélicos pentecostais. Em depoimento à mesma reportagem supracitada, Marco Feliciano afirmou que Bolsonaro soube “surfar” na onda produzida pela renhida luta entre parlamentares e lideranças religiosas pelas demandas morais, na arena da Comissão de Direitos Humanos. Sobre isto, Junior e Souza colocam a questão do “*kit gay*” como importante ponto de inflexão:

A polêmica do “*kit gay*” é o ponto alto desta escalada quando, em 2011, o então deputado Jair Bolsonaro conseguiu a aprovação da convocação do ministro da educação, Fernando Haddad, para explicar a cartilha na Comissão de Direitos Humanos comandada por Feliciano. Cedendo as pressões dos grupos conservadores, o governo Dilma veta a distribuição do

⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-costura-politica-que-uniu-bolsonaro-aos-evangelicos-23211834>. Acesso em 12/12/2022.

material didático, o que não impediu que a iniciativa do projeto escola sem homofobia – não existiu “kit gay” – fossem requestionadas e retomadas contra Fernando Haddad em 2018, usadas para atacar o então candidato a presidente. (JUNIOR; SOUZA, 2020, pg. 1215).

O controle da comissão, o já então iniciado desgaste do governo de Dilma Rousseff e a cada vez maior visibilidade de líderes religiosos defendendo uma moralidade conservadora na TV e nas mídias digitais (o próprio Bolsonaro alçou popularidade em debates no programa *Super Pop* da RedeTV! e no CQC da Bandeirantes) empoderaram as lideranças evangélico pentecostais a assumirem uma postura combativa de defesa ao conservadorismo e a um avanço indômito aos cernes do poder na República.

Bolsonaro soube capitalizar esta relação com lideranças pentecostais de forma eficiente: em 2013, Malafaia realiza a cerimônia de casamento entre Bolsonaro e Michele⁸ e em 2016, Bolsonaro (católico) se deixa batizar nas águas do rio Jordão, em Israel (local sagrado para os evangélicos e ponto turístico privilegiado pelos fiéis), pelo pastor Everaldo⁹. Seria este batismo, sem a renúncia à fé de Roma que Bolsonaro continuou mantendo, um aceno ceremonial de união espiritual às comunidades evangélicas?

3.2 Crise do petismo e a insurgência de uma onda conservadora

Ao chegar ao poder em 2003, o Partido dos Trabalhadores permitiu que suas bases sociais tivessem acesso ao Estado, o que incluiu grupos de luta como os movimentos de reivindicação à terra, à moradia, os movimentos sindicais, mas também incluiu, numa “ampliação do consenso democrático” (JUNIOR; SOUZA. 2020, pg. 1200), grupos sociais com reivindicações mais identitárias, como movimentos negros, feministas, comunidades LGBTQIA+. A ascensão de Novos Movimentos Sociais, discutindo gênero, racismo, heteronormatividade, estruturas patriarcas da

⁸ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/03/silas-malafaia-casamento-bolsonaro.html>. Acesso em 12/12/2022.

⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/pastor-preso-por-desvios-na-saude-batizou-bolsonaro-no-rio-jordao/>. Acesso em 12/12/2022.

sociedade, do próprio Estado, deslocaram na Esquerda, o enfoque principal das lutas de classe para discussões de alteridades.

Ao mesmo tempo, os evangélicos, enquanto minoria religiosa, também são incluídos no governo, o que, com o maior destaque das pautas identitárias, em que algumas delas se chocavam com os ideários teológicos dos pentecostais da base do governo, passou a gerar desconfortos na base governamental petista, com a difícil acomodação de interesses diversos e até mesmo antagônicos nos grupos.

Um dos duros golpes na popularidade petista foram os desgastes provocados pelos esquemas de corrupção denunciados, investigados e altamente publicizados na mídia durante as gestões do PT. Almeida (2019), fala de uma “perda da bandeira da ética pelo campo político à esquerda, sobretudo pelo papel desempenhado pelo Partido dos Trabalhadores” (pg. 188). No primeiro governo Lula, o famoso escândalo do Mensalão veio à tona, sendo julgado somente em 2011 e 2012, sendo sucedido pelo igualmente midiático escândalo do Petrolão, de corrupção na Petrobras.

Além das ranhuras na imagem dos governos petistas, os mega escândalos causaram profunda indignação social, em parte promovida pela hiper publicização da grande mídia, e um rescaldo social de descrédito não somente da classe política, mas da própria política em si. As crises envolvendo os escândalos de corrupção, a partir da mídia, evidenciaram o Poder Judiciário no país, que ganhou popularidade com figuras enérgicas como o então ministro Joaquim Barbosa, presidente do Supremo Tribunal Federal, além de figurões do Ministério Público como Rodrigo Janot, Raquel Dodge, Deltan Dallagnol, juízes como Marcelo Bretas e o controverso Sergio Moro, responsável pelos espetáculos jurídicos da Operação Lava Jato (2014), que enquadrou figuras proeminentes do petismo, culminando na prisão de Lula em 2017.

Os traumas sociais causados pelos escândalos de corrupção das eras petistas, não se limitaram aí. A derrocada do PT foi também embalada por crises profundas na tessitura social e política do país. Almeida enumera alguns pontos importantes:

Tenho em mente os eventos críticos pontuais que causaram momentos de alta instabilidade nos últimos anos, como: as delações premiadas contra

políticos e empresários; as manifestações de rua em 2013, 2015, 2016 e 2018; o impeachment de Dilma Rousseff; o julgamento no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) da chapa Dilma-Temer; os dois pedidos de impeachment contra Michel Temer; a intervenção federal no Rio de Janeiro com as Forças de Segurança; o assassinato da vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL-RJ), e de seu motorista Anderson Gomes; a prisão de Lula; o locaute dos caminhoneiros que paralisou o país; a ameaça autoritária nas eleições de 2018; entre outros. (2019; pg. 192).

Ao passo em que o petismo sofria uma profunda derrocada no Brasil, levando consigo a legitimidade moral da Esquerda, o mundo via o recrudescimento de uma onda conservadora em várias regiões. O professor Cas Mudde, especialista em extremismo e estudioso das direitas no mundo, em *A Extrema Direita Hoje* (2022), ao fazer um retrospecto da *far-right*¹⁰ no século XX e XXI, identifica quatro fases de atuação das *far-rights* no mundo.

O fenômeno hodierno, que alguns identificam como onda conservadora, onda neofascista, onda neoconservadora, Mudde entende como uma quarta onda da *far-right* no mundo (pg.34), desencadeada pelos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, pela crise econômica de 2008 e pelas crises migratórias de 2015. Segundo Mudde:

A característica decisiva da quarta onda, e o que a difere de sua antecessora, é a naturalização e consolidação da extrema direita nos sistemas políticos. A extrema direita não é mais considerada um terreno proibido para a política de hoje como havia sido durante a maior parte do período após 1945 (...) o número de países nos quais a extrema direita é considerada aceitável em coalizões pela direita tradicional, e até mesmo por alguns partidos de esquerda, cresce cada vez mais. Além disso, ideias da direita radical, e até mesmo ultrarradical, têm sido abertamente debatidas nos veículos tradicionais da opinião pública, e os partidos tradicionais têm adotado políticas da direita populista radical, mesmo que em versões mais moderadas. (MUDDE, 2022, pg. 34,35).

¹⁰ Expressão em língua inglesa normalmente traduzida como extrema-direita ou direita radical.

Algumas repercussões desta quarta onda (uma espécie de *zeitgeist* que ambientou o Brasil para Bolsonaro?) seriam as crises de governos de esquerda, como o caso do petismo no Brasil, a crise profunda da Venezuela sob Maduro, a derrubada de Evo Morales na Bolívia, as eleições de Maurício Macri na Argentina, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a consolidação de Narendra Modi no poder na Índia, político líder do BJP, uma coalizão de extrema direita Indiana que reúne membros extremistas e ultranacionalistas, como os agentes da Associação Nacional de Voluntários; a permanência resistente de Benjamin Netanyahu no governo de Israel, e o alinhamento de seu partido Likud com grupos ultranacionalistas israelenses e políticos de extrema direita sionista; a ruptura democrática na Hungria sob Viktor Orban, a condução do Reino Unido por Boris Johnson e a fatídica saída da União Europeia, o Brexit (MUDDE, 2022).

3.3 Ideologia neoliberal e a Teologia da Prosperidade

Um dos marcadores ideológicos mais evidentes da campanha de Jair Bolsonaro à presidência da República, foi o viés neoliberal que seu governo teria caso eleito. O “Posto Ipiranga” de Bolsonaro, o economista e banqueiro Paulo Guedes, designado para ser ministro da Economia, é um figurão do “condado da Faria Lima”¹¹ e comprometido aluno da escola liberal de Chicago, empunhando abertamente os manuais de economia de Milton Friedman e Ludwig Von Mises. Já em 2018, Guedes propunha um discurso de enxugamento do Estado e de suas competências, desburocratização e desregulamentação da economia e do mercado, privatizações das empresas estatais e um fomento do empreendedorismo individual – sob a máxima clássica da meritocracia do ensinar a pescar, ao contrário de se dar o peixe.

Neste momento histórico, o mercado editorial brasileiro já estava abarrotado com literaturas neoliberais, que falavam de um estado mínimo, do empreendedorismo individual, de críticas ao estado de bem-estar social, ao socialismo e a todo tipo de arranjo econômico que fugisse das cartilhas neoliberais.

¹¹ Expressão vinda do mundo dos memes para designar a avenida Faria Lima em São Paulo, coração do mercado financeiro brasileiro.

3.3.1 A popularização do ideário neoliberal

Um grande número de editoras conservadoras (É Realizações, Editora Mises, Edições Kyrion, Vide Editorial, Editora Concreta) e *think tanks*¹² neoliberais fundadas pelo empresariado brasileiro (Instituto Millenium, Instituto Liberal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Empresariais, , pulularam as livrarias de livros de autores até então pouco conhecidos no debate público nacional, como os conservadores Leo Strauss, Eric Voeglin, Edmund Burke, Roger Scruton, e um igualmente grande número de autores liberais – as obras da Escola Austríaca de economia foram todas traduzidas para o português¹³. Aqui cabe destacar o papel do ideólogo Olavo de Carvalho, que já nos anos 90 escrevia em grandes veículos de mídia como o jornal *O Globo*, *Revista Época*, e escrevia livros de críticas ferrenhas à *intelligentsia* brasileira, de capitanejar uma insurgência poderosa de blogueiros, youtubers, escritores, palestrantes e líderes religiosos que passaram a propagar uma ideologia “liberal na economia e conservadora nos costumes”¹⁴.

O caldo cultural da Nova Direita neoliberal ainda era engrossado por programas na grande mídia como *Os Pingos nos Is* da Jovem Pan, e por comentaristas abertamente “de Direita” que aumentavam sua presença nas redes sociais e nas grandes emissoras, junto a intelectuais públicos como Luis Felipe Pondé, além dos grandes movimentos de rua da Nova Direita que se organizaram pós-impeachment como o Vem Pra Rua, o Movimento Brasil Livre, Endireita Brasil dentre outros que, adotando as cores da bandeira brasileira nas manifestações na avenida Paulista, criaram a força e a identidade visual da militância conservadora que perduram até hoje (BARON,2016).

Dentro deste caldo cultural, paradoxalmente talvez, o discurso neoliberal foi popularizado no país, a despeito da característica inclusiva da Constituição Federal e dos problemas profundos de desigualdade e discrepância de oportunidades na

¹² Disponível em: <https://diplomatique.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>. Acesso em: 12/12/2022.

¹³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/22/politica/1437521284_073825.html. Acesso em 12/12/2022.

¹⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/o-boom-editorial-conservador-puxado-por-olavo-de-carvalho-23272585>. Acesso em: 12/12/2022.

realidade social brasileira e latino-americana, criando o fenômeno jocosa e popularmente conhecido no mundo dos memes como “Pobre de Direita”, que nada mais seria do que pessoas das classes populares e médias que passaram a se identificar como liberais, empreendedoras de si mesmas e até mesmo a criticar políticas públicas de inclusão social, transferência de renda¹⁵

3.3.2 A Teologia da Prosperidade

Ao passo que este movimento cultural e político-ideológico ia tomando força, sobretudo depois do impedimento de Dilma, um movimento teológico ia se consolidando como marcador teológico preponderante nas igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil: a Teologia da Prosperidade.

Oriunda dos Estados Unidos, criada pelo evangelista e teólogo estadunidense das Assembleias de Deus, Kenneth Hagin (1917-2003), a Teologia da Prosperidade, também chamada nos estudos teológicos de Confissão Positiva, é uma remodelação teológica da visão antiga pentecostal sobre as vicissitudes da vida como doença, pobreza, desemprego, sofrimento.

Nesta teologia, o sofrimento, por muito tempo visto como instrumento de provação e purificação do fiel nas mais diversas tradições cristãs, passou a ser enxergado como um mal a ser combatido na vida do crente. Como filho de Deus, o crente tem “direitos espirituais” garantidos por Jesus, tais como saúde, riqueza, plenitude emocional, casamento feliz, acesso a bens de consumo de luxo e sucesso em todas as áreas da vida. A concretização desta vida plena, estaria baseada em uma troca do fiel com Deus – fiel que agora é visto como um agente do próprio sucesso e um colaborador de Deus nas realizações da própria vida (meritocracia divina?) – o capital da troca, evidentemente, seria a moeda de troca do modelo neoliberal: o dinheiro. Ao ser fiel nos dízimos e ao ter um *mindset* positivo, otimista, fruto de uma fé inabalável, o fiel teria a sua vida elevada a um padrão de felicidade e sucesso plenos – dentro dos parâmetros de sucesso e felicidade da sociedade de consumo.

¹⁵ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/580471-a-gestao-neoliberal-da-pobreza>. Acesso em: 12/12/2022.

O pentecostalismo teve sua origem em reuniões de oração em comunidades pobres de imigrantes, descendentes de ex escravizados e das classes populares nos EUA, como a emblemática congregação de *Azuza Street* em Los Angeles, a mais famosa e embrionária igreja pentecostal da história, dirigida pelo filho de ex escravizados *William Joseph Seymour*, e esse perfil social se manteve até por volta da década de 70.

Quando na década de 70 o neoliberalismo enquanto ideologia política e forma de governo se consolida no Ocidente e em boa parte do Oriente, após a abertura econômica da China e a crise do petróleo – atingindo a completa hegemonia com os governos de Reagan nos EUA e de Thatcher no Reino Unido tendo como apogeu o Consenso de Washington em 1989 (HARVEY, 2014), mudanças profundas nas estruturas sociais, econômicas e políticas irromperam no mundo todo.

Mariano (2014) registra como estas mudanças sociais e culturais, advindas do modelo neoliberal e de sua publicidade intensa, afetaram a cosmovisão pentecostal nos EUA:

Enquanto seus fiéis foram esmagadoramente pobres e estiveram privados dos mais elementares bens materiais, culturais e educacionais, o sectarismo e o ascetismo pentecostal não geraram grandes tensões internas. Pois, nessa situação, era relativamente fácil ser um campeão do ascetismo. Contudo, com o rápido processo de modernização do país e, a partir dos anos 70, com a ascensão social de parte dos fiéis, as tensões poderiam se intensificar, e muito – já que o ascetismo nesse caso requeria sacrifícios e acarretava descontentamentos muito maiores -, não fosse a acomodação ao mundo ou a dessectorização que tomou corpo em diversas igrejas pentecostais, sobretudo nas fundadas a partir de então. Diante da mobilidade social de parte dos fiéis, das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, essa religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes, ou fazia concessões. Diante das mudanças na sociedade e das novas demandas do mercado religioso, diversas lideranças pentecostais optaram por ajustar gradativamente sua mensagem (pg. 148).

No Brasil, a Teologia da Prosperidade chega em meados da década de 70, carregada por líderes carismáticos como Edir Macedo, que funda a Igreja Universal do Reino de Deus em 1977, R.R. Soares que funda a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1981, que são seguidos no modelo de igreja e na pregação da Teologia da Prosperidade – doravante chamada TP – pelas fundações da mega igrejas Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Bíblica da Paz, Mundial do Poder de Deus, Bola de Neve, ADVEC de Silas Malafaia (MARIANO, 2014).

Durante as décadas de 80, sobretudo nas de 90 e 2000, estas igrejas se consolidam fortemente no cenário religioso brasileiro, marcando forte concorrência com o catolicismo romano e arrebanhando um grande número de fiéis das religiões de matriz africana. A partir da neoliberalização no Brasil com a gestão de Fernando Henrique Cardoso, nas palavras de Côrtes (2021, pg. 4) “o pentecostalismo criava um inventivo mercado informal de trabalho religioso, que incorporava cantores gospel; missionários-celebridade; pregadores autônomos que abriam igrejas”. Com o tempo, este empreendedorismo foi crescendo e se tornando cada vez mais ambicioso:

O movimento pentecostal se expandia nas periferias das cidades em múltiplas configurações: 1) megatemplos neopentecostais, próximos a pontos de ônibus, em largas avenidas, com intensa circulação de pedestres, em busca de população flutuante 2) denominações consolidadas que se inseriam nas redes de vizinhança compondo congregações estáveis de fiéis; 3) e igrejas que pareciam nascer do dia para a noite, resultados de dissidências imprevistas e empreitadas privadas de pastores autônomos, que alugavam uma sala comercial onde antes havia sido um boteco, uma padaria ou um salão de cabeleireiros, e criavam um novo nome para seu estabelecimento religioso, na pretensão de que seus cultos, mais do que os dos concorrentes, encontravam-se encharcados da unção do Espírito Santo. Além dos espaço eclesiástico-congregacional das igrejas que se espalhavam nos espaços periféricos, observou-se a intensificação da formação de uma indústria pentecostal de bens e serviços simbólicos. Gestava-se um comércio pulsante e diverso no qual se vendia livros, roupas, objetos ligados ao mundo cristão; canções gospel com ritmos musicais de todos os tipos; pregações espetaculares de missionários-celebridades; e testemunhos de “pregadores itinerantes” que narravam os horrores de sua biografia pregressa (CÔRTE, 2021, pg. 3,4).

Também consolidam um mercado poderoso e milionário de música gospel, livros e editoras, redes de rádio e televisão, marcando forte presença no *show business*, produzindo mega bandas como o Diante do Trono e, de forma mais recente, levantando centenas de influencers digitais seguidos por milhões de pessoas.

Quando das duas eras Lula no governo do Brasil, que conforme já falamos, tiveram como base lideranças pentecostais, os pentecostais tiveram um ambiente social e macroeconômico propício para a vivência das experiências de mudança de vida pregadas pela TP.

As camadas mais pobres das periferias das grandes cidades e das áreas rurais, onde as igrejas pentecostais estavam muito presentes e atuantes do que qualquer outra instituição, foram beneficiadas pelas políticas de inclusão e mobilidade social implementadas pelos governos petistas, impulsionadas pelo aumento da concessão de crédito e do consumo, proporcionados sobretudo pela estabilização do Real, pela confiança dos investidores estrangeiros na altaneira PEB do Itamaraty lulista e no famoso *boom das commodities*.

Uma nova classe média emergiu no Brasil. No mundo pentecostal, um “empreendedorismo periférico” provocou uma mobilização social dos fiéis para cima. Aqui, talvez haja um ponto de inflexão na própria TP pois:

Deixa de ser simplesmente uma negociação mágica para se tornar uma espécie de racionalização econômica da conduta de vida. Nesta, tem-se o exercício de uma “fé racional” ou uma “fé inteligente”, na qual o adepto deve estabelecer uma nova relação de si para consigo, que implica racionalizar a rotina, cumprir desafios, estabelecer metas, trabalhar para a criação de si próprio como um capital humano que deve ser sistemática e infinitamente valorizável (Gutierrez 2017; Abreu, 2017). (...) fé racional implica uma ideia de sacrifício, de controle dos afetos e disciplina do corpo, o que pode indicar uma correspondência de sentido com a dimensão sacrificial do neoliberalismo contemporâneo, na qual o capital humano deve operar como uma “máquina-fluxo”, um motor que expurga o próprio corpo (...) Ser empreendedor passou a significar a possibilidade de abraçar o risco de abrir o próprio negócio e recusar a identidade do trabalhador como empregado, que passa a ser visto

como alguém que se encontra subjugado a um patrão, em uma relação de servidão. (CÔRTES, 2021, pg. 13)

Com a crise dos governos petistas e o descolamento das lideranças pentecostais desta força política em derrocada, as forças pentecostais migradas de classe pela orientação da TP e dos incentivos de empreendedorismo nas igrejas e pelas conjunturas econômicas das gestões do Partido dos Trabalhadores “programas de transferência de renda, de acesso à casa própria, de facilitação do crédito popular, a criação da figura do MEI (microempreendedor individual)” (CÔRTES, 2021, pg. 14), que já operavam numa lógica de esforço e empreendedorismo individuais, encontraram uma conjuntura de questionamentos ao papel do Estado na economia, o que Almeida identifica isto como uma das linhas de força que propiciaram a eleição de Bolsonaro. Para ele:

Cresceu nos últimos anos a crítica a ele (Estado), mais especificamente às políticas de proteção social. A despeito do reconhecimento parcial dos benefícios destas últimas, elas teriam gerado acomodação das pessoas e fidelização a um partido político. A ideia de esforço individual e a iniciativa privada são valorizadas em contraposição às políticas compensatórias e identitárias (...) em grande medida, esse entendimento do esforço individual tem uma afinidade de sentido com a orientação da Teologia da Prosperidade dos pentecostais, que se expande pelo meio evangélico e além dele. Trata-se, principalmente, de estimular a postura empreendedora com o objetivo não só de sobrevivência financeira, mas de acúmulo material e mobilidade social. (ALMEIDA, 2019, pg. 207).

À luz deste contexto, não foi um choque quando os evangélicos pentecostais adeptos à TP, ao verem seus empreendimentos e empregos abalados pelas crises econômicas e políticas que agitaram o Brasil durante as gestões Dilma e após seu impedimento, encontraram nesse caldeirão a ideologia neoliberal do esforço individual, da meritocracia, do “empreendedor de si mesmo” e do “faça você mesmo seu futuro”. A Teologia da Prosperidade ambientou o ambiente pentecostal para a acomodação do ideário neoliberal oferecido por Bolsonaro como solução para o declive econômico brasileiro. O imbricamento entre uma teologia e uma ideologia, contribuíram para que toda uma gama de fiéis se deslocasse para apoiar um candidato à presidência.

3.4 A Teologia do Domínio

Uma das características mais notáveis e peculiares da espiritualidade pentecostal, é sua visão “encantada” (no sentido weberiano) do mundo (DIAS, 2013).

Para os pentecostais, o mundo não é feito apenas do que é visível, sensível, mensurável e quantificável, ou passível de ser objeto de estudo das ciências, senão que o mundo é permeado de forças sobrenaturais, diversas e antagônicas que brigam incessantemente pelo destino dos homens e da história. Esta “guerra espiritual” é uma luta travada entre Deus e Satanás, entre os anjos e os demônios nas áreas cósmicas e atmosféricas. Neste sentido, o mundo visível dos homens seria um reflexo dos conflitos acontecidos no mundo espiritual, portanto o mundo físico é um campo de batalhas constantes.

Este importante marcador teológico, demarca a postura altaneira e combativa típica dos pentecostais, que se vêm como agentes da vontade de Deus no mundo e responsáveis por, através da fé, guerrearem as batalhas de Deus e derrotarem os inimigos de Deus e da Igreja. A formulação mais popular no Brasil desta visão de mundo espiritualmente belicosa, é a chamada Teologia do Domínio – doravante chamada TD.

A forma TD que vicejou mais vigorosamente no Brasil é a formulada pelo pastor e teólogo estadunidense, Peter Wagner (1930-2016) professor de teologia no Fuller Theological Seminary, de Pesadena, Califórnia, que foi popularizada no Brasil por uma aluna brasileira de Wagner, a pastora Neuza Itioka do Ministério Ágape Reconciliação.

Na formulação de Wagner e Itioka, ao criar a humanidade em Adão e Eva, Deus os havia dado o domínio absoluto sobre toda a criação divina, sobre todos os animais e sobre toda a natureza. Uma vez que o primeiro casal desobedeceu às ordens divinas por uma sugestão de Satanás, incorrendo no Pecado Original, o domínio e a autoridade sobre a criação outorgados por Deus aos homens, lhes foi tirado e entregue a Satanás. Uma vez que Jesus ao morrer na cruz e ressuscitar angariou vitória *de jure* sobre Satanás e os demônios, a autoridade sobre a criação foi

resgatada por ele e entregue à sua Igreja: agora, os crentes devem guerrear espiritualmente contra as forças de Satanás encasteladas no mundo espiritual para reaver o domínio sobre toda a criação (JUNIOR; GOULART, FRIAS, 2021).

O ponto nevrálgico desta teologia que imbrica com a política, é que a guerra espiritual travada pela conquista do domínio divino, através da Igreja, sobre todas as coisas, deve ser travada em todos os fronts (ROSAS, 2015): no lar, na sociedade, na igreja, no trabalho, nas escolas, nas faculdades, nos bairros, nas cidades, nos estados e nas nações, pois estes espaços estão permeados por demônios e Deus só terá pleno acesso e governo sobre eles, quando a Igreja tomar posse e sobre eles atuar.

A IURD, como sempre, é um caso paradigmático da luta política advinda da crença na Teologia do Domínio. O livro publicado pelo bispo Edir Macedo em 2008, *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política*, traz com clareza o esforço pentecostal pela dominação das esferas públicas e políticas, em nome de um projeto de nação cristã. Macedo incentiva uma postura ativa dos fiéis na política partidária e na ocupação dos mais diversos espaços na sociedade, uma vez que a Bíblia Sagrada não deveria ser apenas um livro sagrado para orientação privada da vida dos féis, senão também um manual para a conquista do poder e o engajamento em um projeto de nação cristã e justa, com uma específica forma de governo. As teses de secularização da política seriam elas mesmas mazelas na política, uma vez que não há possibilidade de justiça social e de política bem feita sem a devida referência a Deus.

Esta postura é um ponto de inflexão da prática política pentecostal, que de um histórico de afastamento deliberado da política nos primeiros anos, assume não somente a possibilidade de cristãos estarem nos meandros do poder como agora incentiva que os fiéis dominem as esferas públicas num verdadeiro projeto de tomada do poder. Nas palavras de Macedo:

Imagine todos os cristãos do Brasil, e do mundo, conscientizados. Certamente estariam engajados nesse propósito divino: o povo de Deus, com sua dignidade e respeitabilidade, governando com justiça social pelo temor que lhes é peculiar (MACEDO, 2008 p.72).

O fato de sentir-se em meio à uma constante luta de forças sobrenaturais e a ideia de que precisa se envolver diretamente nesta batalha, deixa o fiel pentecostal em permanente estado de alerta, enxergando qualquer uma das vicissitudes da vida ao seu redor como uma batalha espiritual a ser vencida e um espaço a ser conquistado para Deus. Desta forma, os políticos pentecostais se vêm como guerreiros atuando em nome de Deus na política partidária, amparados pela graça divina que faz com que sejam firmes nas lutas contra pautas estranhas ou contrárias à sua fé e os preserva da sedução da corrupção – como se a própria pertença à uma denominação cristã já fosse uma espécie de selo de moralidade.

Imbuídos desta cosmovisão bélica, e de uma teologia que lhes incentiva a agir em nome de Deus para o estabelecimento de seu reino nas esferas públicas pela tomada do poder pelos crentes e pela Igreja, os pentecostais ao verem um candidato que se mostrou como um agente divino para liberar o país da corrupção, das ideologias nefasta da Esquerda identificadas moralmente com tudo que os fiéis consideram pecado, sob o mote “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, falando abertamente de um projeto de nação fundamentada sobre a moral judaico-cristã, amiga de Israel, contra o comunismo, ladeado por pastores pentecostais de primeira grandeza, não apenas aderiram de forma massiva à Bolsonaro, mas viram o capitão angariar nas igrejas uma imagem messiânica.

A Teologia do Domínio proporcionou um *ethos* teológico de crise e expectativa nas igrejas por alguém que se levantasse para libertar a nação do pecado, dos principados e das potestades que estavam abalando a nação com instabilidade política, crises econômicas e esquemas de corrupção. O fiel pentecostal encontrou em Bolsonaro um “messias” que finalmente concretizaria o sonho de uma nação cristã. (MONTEIRO; TEXEIRA; 2020).

3.5 O maniqueísmo pentecostal na política

O problema do mal perpassa os séculos sendo analisado e debatida pelas religiões, pela filosofia e por qualquer consciência que seja pega de surpresa pelas vicissitudes do mundo e da vida. A Teodiceia – o problema filosófico da existência do mal – segue gerando dúvidas, arrazoados e teorias ainda hoje.

O maniqueísmo, é um sistema de crenças elaboradas pelo profeta persa Mani (216 EC), que compreendeu a realidade como uma dualidade de oposição irreconciliável entre luz e trevas, bem e mal que, no entanto, estão em constante intercâmbio. Esta cosmovisão menos nuançada da realidade, tende a polarizar as esferas do real entre uma coisa boa e outra ruim, uma que presta e outra que não presta, uma do bem e outra do mal.

O pentecostalismo, como já abordamos acima, comprehende a realidade como uma luta constante entre o bem e o mal nas figuras antagônicas de Deus e do diabo, dos anjos x os demônios, entre os quais estariam os homens e seu destino. Desta forma, tudo que é visto como pecado, como errado, como heterodoxo, controvertido, imoral, antinatural, antibíblico para o fiel, necessariamente procede do diabo e, portanto, precisa ser combatido espiritualmente – ainda que este combate espiritual tenha de, necessariamente, resvalar nas esferas do concreto como vimos acima na ideia da Teologia do Domínio.

Neste quesito, para a nossa compreensão de como esta visão maniqueísta e dualista da realidade, da vida e do mundo por parte dos pentecostais, tem reflexo direto na vida política destes fiéis, é importante:

Observar a ideia de potestades malignas, “dominadores desse mundo tenebroso”, ou os anjos malignos a serviço do diabo que aparecem como demiurgo de todos os males e malefícios, acabam por gerar uma narrativa capaz de libertar o ressentido de assumir a culpa por seus infortúnios, ao mesmo tempo que consegue identificar um culpado tangível, o Mal, personificado em todas as barreiras que impedem a satisfação dos desejos. Essa narrativa empodera o ressentido para uma conduta ativa no mundo, permite nomear, sentir e até verbalizar seu mal-estar e rancor não contra o

Estado, mas contra alvos tangíveis que habitam seu cotidiano: o gay, o candomblecista, o bêbado, a prostituta. (JUNIOR; GOULART; FRIAS, 2021, pg. 561).

O pastor Silas Malafaia é um pródigo fornecedor de exemplos de como essa visão dual da vida reverbera na cosmovisão política do pentecostal e em sua caracterização do diferente como inimigo. Quando da eleição do bispo pentecostal Marcelo Crivella para a prefeitura do Rio de Janeiro, em 2016, Silas Malafaia reverberou seu maniqueísmo pentecostal, com uma boa pitada de conservadorismo e grosseria, via Twitter ao comemorar a eleição do colega: “Cambada de esquerdopatas se ferraram, tomaram uma lavada histórica. Calados! [...]”; “Crivella venceu a intolerância, preconceito, manipulação jornalística e, o melhor, a esquerda comunista [...]”; “Chora Capeta! Chora Freixo!” (JUNIOR; GOULART; FRIAS, 2021, pg. 562). No discurso hostil do pastor, fica latente a identificação que ele faz de um adversário político, cuja ideologia o pastor desaprova, com a figura do próprio cabeça do mal na fé pentecostal, o diabo. A caracterização do adversário como um demônio, reflete diretamente na mentalidade dos seguidores do pastor pentecostal que o adversário político deve ser não apenas odiado, mas combatido, vencido e aniquilado, como se faz com os demônios. Há, no twite, uma demonização dos adversários.

Ainda neste caso, Malafaia postou mais algumas coisas evocando os fiéis ao combate: “Parabéns, cristãos! Nunca mais esses esquerdopatas vão nos enganar [...]”; “Ajudei a derrubar todos os candidatos do PSOL, PERDERAM TODAS! Perde o at gay (ativismo gay) para ajudar mais um pouco”. Aqui, se vê no discurso do pastor, uma patologização das esquerdas (esquerdopatas) além de vincular os adversários à mentira. Além disto, o pastor faz questão de tripudiar da derrota eleitoral dos adversários e coloca no bojo daquilo que deve ser repudiado, o que chama de ativismo gay, numa implícita condenação pastoral às relações homoafetivas. Para o fiel pentecostal, habituado à gramática do combate espiritual e da demonização de tudo aquilo com o que discorda, os discursos na rede social do pastor demonstram como os inimigos precisam ser odiados e aniquilados (“nunca mais esses esquerdopatas vão nos enganar”).

Dessa forma, o Twitter de Malafaia apela para um antagonismo absoluto, operando uma simplificação de uma realidade complexa, criando um “nós”

(uma macroidentidade cristã-moral) em oposição a um “eles”, vistos como demiurgos da desestabilização social, depositários das mazelas dos medos que afligem boa parte da sociedade em momentos de convulsão social (como o da eleição de Bolsonaro¹⁶). Nesse caso, o ativismo gay, o PSOL, os “petralhas”, as “feminizes” ou, simplesmente, o “mal”, o “capeta”. Ainda é interessante observar como o discurso do pastor Silas Malafaia tem um duplo papel funcional, que, ao mesmo tempo que coloca o pastor em um lugar privilegiado na disputa pela arena religiosa brasileira, amplifica seu discurso para além da população evangélica. (JUNIOR. GOULART; FRIAS, 2021, pg. 562).

3.6 Uma palavra sobre o populismo de direita

O elemento ideacional do maniqueísmo pentecostal e sua visão dual da realidade dividida entre um bem a ser preconizado e um mal a ser combatido, nos remete também a refletir sobre a dinâmica do populismo de direita, no qual Bolsonaro estruturou sua campanha e seu governo.

O populismo talvez seja um dos temas de mais difícil definição e mais discutidos nas ciências sociais. Segundo Frestón (2020, pg. 374)

Resumindo a literatura existente: o populismo é como o convidado bêbado num jantar de pessoas comportadas; ele incomoda, mas talvez fale algumas verdades [...] para muitos autores, o populismo é um estilo político mais do que uma ideologia consistente; um repertório de discursos, imagens, gestos e simbolismo. Verticalmente, é uma política antielite em nome do povo. Horizontalmente, é contra os “outros” que ameaçam a nação, interna ou externamente. Mas para outros autores, o populismo é mais do que isso. Para populistas de direita, Eatwell e Goodwin (2018) preferem o termo de “nacional-populismo”. Os nacional-populistas priorizam a cultura e os interesses da nação, e prometem dar voz ao povo que se sente negligenciado e desprezado por elites distantes e muitas vezes corruptas. Em geral, o nacional-populismo não é antidemocrático em si, mas se opõe a certos aspectos da democracia liberal.

¹⁶ Grifo meu.

Longe de ter uma coesão ideológica, o populismo de direita, que pulula no mundo inteiro, é sustentado por uma desconfiança generalizada nas instituições, nas elites políticas, científicas, culturais, acadêmicas. Ele define a categoria “povo” de maneira arbitrária e majoritariana: o povo é sempre uma parcela da população que evoque os ideais míticos que são caros ao populista ou ao grupo a que ele pertence. Todo o resto ou são minorias que devem se submeter ao “verdadeiro povo”, não há espaço para o pluralismo nos meios populistas de direita, há a narrativa de diferenciação: nós x eles.

O populismo de Bolsonaro, conquanto mantenha aspectos estruturais discursivos dos populismos de direita europeus, traz algumas peculiaridades inerentes à realidade brasileira:

ao contrário do Ocidente desenvolvido, o Brasil quase não tem imigração ou muçulmanos ou ameaça terrorista. Para os fins populistas brasileiros, o espaço do terrorismo é ocupado pelo crime; no lugar da imigração e a mudança cultura que acarreta, temos as mudanças culturais defendidas por vários movimentos sociais; e o espaço do islã no discurso populista vem a ser ocupado pela esquerda. (FRESTÓN, 2020, pg. 376).

A narrativa pentecostal de ser uma minoria religiosa sitiada por outros hostis “encontra ressonância afetiva com a política populista” (FRESTÓN, 2020, pg. 379). A religião cristã é normalmente um fator de coesão do populismo de direita, servindo como marcador para a diferenciação do “nós e eles”. No caso brasileiro, podemos enxergar traços do populismo de direita no pentecostalismo na ideia de “vontade do verdadeiro povo” em oposição ao elitismo da democracia liberal; o afã de evocar os valores de uma sociedade judaico-cristã e moralizar a sociedade e as esferas públicas de acordo com a ética pentecostal; os valores da nação verdadeira sobre o pluralismo e o cosmopolitismo; o ideal de uma vida melhor a partir do resgate de uma sociedade construída sobre as bases de um passado mítico religioso.

No caso dos pentecostais, Frestón (2020) assinala que “o populismo evangélico brasileiro” está avançando de um relativismo para um marcado ativismo de disputa de agendas no cenário público. O Manifesto da FPE em apoio a Bolsonaro, publicado

quatro dias antes do segundo turno das eleições de 2018, carrega alguns visíveis traços de populismo de direita. Senão, vejamos:

“Para além da pauta tradicionalmente por nós defendida...compreendemos que é chegada a hora de darmos uma contribuição maior à sociedade”. O Manifesto se insere no nacional-populismo: “o Brasil para os brasileiros... [precisamos] restituir o Estado ao seu verdadeiro dono: o Povo brasileiro”. Embora fale de modernização do Estado, segurança jurídica e segurança fiscal, as afirmações mais contundentes se encontram no item “revolução na educação”. Escolas e universidades públicas “se tornaram instrumentos ideológicos que preparam os jovens para a Revolução Comunista, para a ditadura totalitária...para a violência contra a civilização judaico-cristã”. É necessário “libertar a educação pública do autoritarismo da ideologia de gênero, da ideologia da pornografia... [as quais] introduziram nas escolas todo tipo de pornografia, licenciosidade, perversão, etc. será necessária uma campanha ininterrupta de combate à sexualização e erotização das crianças” (FRENTE, 2018 apud. FRESTÓN, 2020, pg. 381)

No Manifesto da FPE, visualiza-se uma clara distinção entre nós x eles: a FPE aclama a si a missão de promover um combate ininterrupto contra uma lista de males que atribui ao candidato petista, como a implantação de uma ditadura, a proliferação da ideologia de gênero nos ambientes escolares e isso através da reclamação de uma macroidentidade clássica dos populismos de direita: a civilização judaico-cristã sob ataque de muçulmanos, secularistas e esquerdistas, gayzistas dentre outros tantos inimigos. Aqui, justamente, delineia-se um imbricamento entre a noção do nós x eles dos populismos de direita e o maniqueísmo pentecostal: existe um bem maior conosco (crentes fiéis) e um mal que deve ser combatido nos outros.

Em análise dos discursos de pastores negacionistas, quando da polêmica do fechamento de igrejas durante o auge da pandemia da corona vírus e a resistência dos pastores ao isolamento social, o Grupo de Pesquisa Discurso, Redes Sociais e Identidades, analisou discursos ufanistas de pastores pentecostais que não somente negavam a letalidade do vírus, como pregavam a impossibilidade de um verdadeiro fiel se infectar ou morrer pelo Covid-19. Os discursos eram recheados de falas populistas e maniqueísticas que identificavam as autoridades que recomendavam as normas de isolamento social e prevenção de contaminação como inimigas do povo de

Deus, mentirosas, esquerdopatas, comunistas, dentre outros impropérios. A lógico populista e maniqueísta do nós x eles neste contexto foram definidas da seguinte forma pelo grupo, em publicação na revista *Le Monde Diplomatique Brasil*¹⁷:

ELES	NÓS
Coronavírus	Coronafé
Pessoas sem fé; Igreja Católica; Católicos; Papa Francisco comunista; Cristofobia;	Igrejas neopentecostais e pentecostais e seus líderes (em especial, Silas Malafaia, Valdemiro Santiago, R.R. Soares e Edir Macedo); Evangélicos;
A mentira; Imprensa (Grupo Globo, Folha de São Paulo); Pânico; Terror; Medo;	<i>A verdade</i> ; Críticas à imprensa; Esperança; Fé;
Exagero; Hipocrisia; Governadores e ex-governadores (Doria-SP, Dino-MA, Witzel-RJ); STF; Congresso; Ex-Ministros (Moro e Mandetta); Prefeitos; Vagabundos; Corruptos; Histeria; Cinismo; Ganância;	Honestidade; Sinceridade; Cidadãos de bem; Trabalhadores; Calma;
Conhecimento científico; Dados; Pesquisas; Cientistas; Universidades; Saúde é prioridade; <i>A vida é mais importante que a economia; O jejum é um grito de socorro à sua base de apoio;</i>	Bolsonaro e seus apoiadores; Empresários; Dia de jejum para que o país <i>fique livre desse mal</i> ;
A doença é muito grave; <i>O vírus mata; #ficaemcasa;</i>	Minimiza a pandemia; Defende a abertura de igrejas e do comércio; <i>Vírus politizado</i> ;
Órgãos da saúde (Ministério da Saúde, OMS); Isolamento social horizontal; Fechamento temporário de igrejas; <i>Não é hora de flexibilizar quarentena;</i>	Alertas sobre a ineficácia do isolamento social — <i>Quarentena de araque que não protege o pobre</i> ; Isolamento seletivo;
O mal; o inimigo; abortistas; feministas; ideologia de gênero; LGBTQIA+; pornografia;	O bem; o amigo; pró-vida; pró-família;
<i>O povo do quebra-quebra e baderna; esquerdistas; comunistas; socialistas.</i>	<i>O povo do verde e amarelo; bolsonaristas; Esse País não vai ser Venezuela.</i>

O maniqueísmo pentecostal encontrou no populismo de Bolsonaro uma parceria efetiva na identificação de inimigos, na delimitação de um povo “de verdade” e no combate ferrenho dos adversários em nome da sociedade judaico-cristã, da família, de Deus e do verdadeiro povo brasileiro.

¹⁷ Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-antidoto-coronafe-a-analise-politica-do-discurso-de-igrejas-evangelicas/>. Acesso em 12/12/2022.

Havendo sido familiarizados com a religião pentecostal no Brasil no capítulo dois e tendo visto em perspectiva aspectos conjunturais que aproximaram Jair Bolsonaro dos pentecostais bem como elementos ideacionais já presentes no pentecostalismo que acomodaram elementos ideológicos do Bolsonarismo no capítulo três, podemos avançar para o capítulo quatro para analisarmos a presença pentecostal no Governo Bolsonaro, a teologia pentecostal pró-Israel e sua influência na PEB para Israel, no Itamaraty sob Bolsonaro.

4. ARTICULAÇÕES ENTRE PENTECOSTALISMO E SIONISMO CRISTÃO NA POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO: ANTECEDENTES, INFLUÊNCIAS E A CHEGADA NO ITAMARATY

4.1 O sionismo cristão no Brasil e suas relações com a Direita Cristã estadunidense

De modo geral, podemos afirmar que o protestantismo brasileiro tem sua origem nos Estados Unidos da América. As igrejas históricas chegam no país no século XIX através de missões estadunidenses (com exceção dos luteranismos advindos da Europa ocidental durante as imigrações alemãs para a região sul do país). No início do século, como já vimos, o pentecostalismo chega pela pregação de missionários europeus (Daniel Berg e Gunnar Vingren, suecos, fundadores da Assembleia de Deus e Luigi Francescon, italiano, fundador da Congregação Cristã no Brasil) que, no entanto, tiveram contato com o pentecostalismo em terras norte-americanas (CAMPOS, 2005) e, a partir de lá, trouxeram a mensagem pentecostal para Brasil. E, mais recentemente, quando da fundação das igrejas neopentecostais no país, a partir da década de 70, estas foram, também, bastante influenciadas por televangelistas estadunidenses que tinha suas pregações passadas na TV aberta brasileira, com dublagem.

Na esteira desta origem estadunidense dos protestantes brasileiros (ou pelo menos das vertentes principais que depois foram se subdividindo e criando igrejas nacionais), percebe-se, também, um acentuado consumo, por parte das igrejas

brasileiras, da teologia produzida nos EUA. Muitos autores têm já se debruçado sobre o fenômeno de um intenso fluxo teológico dos EUA para a América Latina (GUADALUPE; CARRANZA, 2020; MARIZ, 1999), principalmente para o pentecostalismo latino-americano e brasileiro. Como teologias são produzidas em contextos históricos específicos e, como todo obra do pensamento humano, podem refletir interações ideológicas em seu escopo, percebe-se também, neste fluxo de perspectivas teológicas estadunidenses para o Brasil, uma certa “exportação” teológica de ideologias que circulam em igrejas do país de *Uncle Sam*, como a posição de lideranças de grandes igrejas brasileiras sobre geopolítica, a Questão Palestina e ativismos de parlamentares evangélicos pró-Israel, muito em linha com o *lobby* da direita cristã estadunidense em prol do estado judeu (MATEO, 2011). Aqui cabe um breve retrospecto da aproximação da direita cristã dos EUA com o sionismo, para que possamos compreender as influências destas bricolagens ideológico-políticas no fenômeno tupiniquim.

4.1.1 A Direita Cristã estadunidense e o sionismo

Segundo pudemos investigar em vários autores (FINGERUT, 2009; LACERDA, 2018; BORDA, 2020; MATEO, 2011), podemos tomar a década de 70 como ponto de insurgência de um ativismo conservador por parte daquilo que se chamaria depois de Direita Cristã nos EUA como uma força de oposição ao avanço de um espírito progressista nos ambientes moral e políticos do país:

A difusão da contracultura e em especial os movimentos pelos direitos civis que reivindicavam mudanças nas hierarquias raciais e de gênero, incidiam sobre as mais diferentes instituições como a família, as escolas e as igrejas, e geraram insegurança nos setores mais conservadores do cristianismo, em particular nos setores brancos evangelicals. (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021, pg. 5).

Aliado a isto, o presidente Jimmy Carter, em 1978, aumentou a carga tributária das escolas privadas no país, o que gerou uma forte onda de protestos por parte de pastores e igrejas que mantinham escolas para seus membros, a partir do que as grandes lideranças religiosas mobilizaram seus fiéis a enviarem cartas de protesto ao órgãos fiscais contra a medida presidencial, evento que, segundo Figuerut (2009),

congregou uma onda mobilizadora que gerou o movimento Maioria Moral, que depois teve suas fileiras engrossadas não só por evangélicos, mas também por católicos e judeus conservadores.

Para a Maioria Moral, a nação passava por momentos desafiadores de perda de identidade, choque cultural, perda de valores e costumes tradicionais que seriam a base da ética da nação, e contra isto, cristãos e judeus deveriam se unir como reação. Dentro do bojo ideológico da Maioria Moral, estavam representantes do neoliberalismo econômico e cristãos que defendiam, ainda de forma pragmática, uma aliança com Israel que favoreceria econômica e politicamente o país. Em 1986, um influente pastor batista, que havia adotado a espiritualidade pentecostal, chamado Pat Robertson, aproveitando-se dos sinais de esgotamento do movimento Maioria Moral, tentou, a partir de sua influência mundial como famoso pregador televisivo do programa Club 700, tentou emplacar seu nome nas previas do Partido Republicano para a presidência. Ainda que não tenho conseguido, Robertson angariou muita popularidade e influência no Partido Republicano, e, com o fim da Maioria Moral em 1988, criou a Coalizão Cristã para ocupar o vácuo deixado pelo movimento antecessor.

A figura de Robertson é importante para o nosso estudo porque, o Club 700, seu influente programa televisivo, era transmitido em toda a América Latina, e para além das pregações, com forte viés pré-milenarista¹⁸, o Club 700 tinha uma mensagem incentivadora de que os cristãos se posicionassem politicamente em prol de seus princípios (com o tempo, Robertson também aderiu à Teologia do Domínio) e Robertson também abraçou uma forma de filosemitismo e passou a organizar muitas caravanas para Israel e a financiar organizações sionistas, o que lhe rende premiações por parte de organizações sionistas como a Organização Sionista da América (2002), a Irmandade de Cristãos e Judeus (2008). O sionismo de Robertson fica patente em um de seus discursos na *Hezliya Conference*, em Israel (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021, pg. 8):

¹⁸ Crença de que Jesus voltará para a Terra e será precedido de tempos caóticos, apocalípticos de grandes tribulações no mundo. Após isto, haverá um Milênio onde Jesus governará o mundo com paz e justiça.

[...] Israel porque acreditamos que as palavras de Moisés e dos antigos profetas de Israe foram inspiradas por Deus. Acreditamos que o surgimento de um estado judeu na terra prometida por Deus a Abraão, Isaque e Jacó, foi ordenado por Deus. Acreditamos que Deus tem um plano para esta nação, que pretende ser uma benção para todas as nações da terra.

A Coalizão Cristã de Robertson, passou a propagar nos EUA e nos programas televisivos que transmitia pelo mundo (algumas versões do Club 700 foram criadas em países latinos, como a versão brasileira encabeçada pela influente Igreja Batista da Lagoinha no Brasil), uma agenda moral conservadora e uma pauta pró-Israel, e foi apoiada nisso por muitos líderes cristãos como o pastor Peter Wagner, cuja influência no pentecostalismo brasileiro foi profunda, como já vimos. A atuação de Peter Wagner foi bastante importante aqui, uma vez que o teólogo criou organizações transnacionais com forte viés sionista- baseadas na Teologia do Domínio, que tinham como objetivo conquistar as nações para Cristo a partir de batalhas espirituais, ocupação de espaços na sociedade, nas artes, nas mídias sociais, na política - como *Spiritual Warfare Network* (1990), *International Coalition of Apostolic Leaders* (1999), ladeado também por seu discípulo, Chuck Pierce, que fundou a *Glory of Zion* (organizações das quais fizeram parte importantes nomes brasileiros do mundo evangélico pentecostal e neopentecostal como Valnice Milhomens, René Terra Nova, Neuza Itioka e a midiática família Valadão).

Todas estas organizações se espalharam rapidamente no continente americano e visavam, além da ocupação de espaços sociais e políticos para um projeto de tomada do poder pelos cristãos, espalhar um filosemitismo cristão e financiar organizações sionistas, além de promover seus eventos em Israel.

As ONGs cristãs originadas destes movimentos, ganharam notoriedade nos EUA e se puseram como importantes forças opositoras aos presidentes democratas como Clinton e Obama e viram sua influência crescer exponencialmente depois dos atentados de 11 de setembro, uma vez que suas narrativas de resgate de uma nação cristã, de um identidade norte-americana evangélica, de uma ocupação cristã do poder político e da cultura, ganharam nos atentados uma ocasião propícia de justificativa de suas narrativas.

Em contrapartida, esta Direita Cristã, com forte influência de Pat Robertson, foi base de apoio aos governos republicanos e deram apoio a iniciativas bélicas como a ocupação do Iraque na era Bush, com argumentos bíblicos, numa forma de conectar o eleitor médio religioso às políticas externas do Partido Republicano (DOUGUERTHY, 2012). A emergência do *Tea Party*, dentro do Partido Republicano, com uma forte posição reacionária contra o aborto, os direitos LGBTQIA+, reforçou ainda mais a Direita Cristã pois encontrou nela imbricações nas pautas morais, e a empurrou ainda mais para a extrema-direita. Encabeçados por pastores influentes, mentores de pastores e grandes igrejas no Brasil, estes movimentos passaram então a ser assimilados nas igrejas brasileiras e traduzidos por seus pastores, nas realidades sociais dos trópicos.

4.1.2 Trump, os pentecostais e Israel

A campanha de Donald Trump à presidência da república, marcou um evento importante na Direita Cristã dos EUA: a entrada dos pentecostais. Não que eles antes, não tivessem participado do movimento, mas, a partir de Trump, eles ganharam notoriedade dentro da Direita Cristã, até então maciçamente ocupada por *evangelicals* e cristãos de igrejas históricas.

A relação de Trump com o mundo pentecostal antecede até sua candidatura, uma vez que a família do mega empresário frequentava a igreja de Normal Peale, autor do livro *The Power of Positive Thinking* (1952), base da Teologia da Prosperidade, um dos maiores marcadores teológicos do pentecostalismo. A sua campanha foi marcada por uma forte adesão de pentecostais, por mais contraditório que isso possa parecer, uma vez que Trump nunca foi uma figura cristã propriamente dita e ser um representante da elite multimilionária do país. Uma hipótese para isto, é mencionada:

[...] incorporação na aliança político-religiosa, identificada como “direita cristã”, de grupos antes rejeitados – no caso, pentecostais. Sua hipótese (de Markofski)* é que essa união é fruto de uma ameaça sentida pelos setores brancos com o crescimento demográfico dos outros grupos étnicos no país. A vitória por dois mandatos de Obama, um presidente negro, teria alimentado esse temor e favorecido o surgimento de novas vozes dentro da Direita Cristã,

que se tornou mais plural e dinâmica. A percepção das mudanças demográficas e políticas parece ter aumentado o desejo de poder, e a teologia do domínio seria muito útil para legitimar em termos espirituais esse projeto. (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021, pg. 11).

Ao chegar à Casa Branca, Trump foi rodeado de pastores e conselheiros advindos da Direita Cristã, e colocou Mike Pence, conservador e evangélico, ao seu lado no governo.

Uma das primeiras medidas de Trump, muito impulsionado pelo *lobby* pró-Israel de membros da Direita Cristã, foi o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel, com a consequente mudança da embaixada de Tel Aviv, para a Cidade Santa. Esta era uma promessa que já havia sido feita antes por Clinton e Bush, além de ser um requerimento de lei de 1995 – o *Jerusalem Embassy Act* – que não haviam prosperado devido as negociações entre Israel e Palestina que tramitaram nos anos 90. O traslado da embaixada foi feito em 2018; em 2019, Trump reconheceu formalmente a soberania do estado israelense sobre as colinas de Golã e ainda intermediou os Acordos de Abraão, que visavam normalizar as relações diplomáticas entre estados árabes e o estado de Israel. Estas medidas pró-Israel foram louvadas em toda a comunidade evangélica nos EUA e no Brasil, e surtiram efeitos dentro da direita brasileira e das igrejas pentecostais sionistas.

4.2 A Direita Cristã, os pentecostais brasileiros e Bolsonaro

Apesar de sempre terem defendido pautas conservadoras, é a partir da segunda década do XXI que os pentecostais brasileiros aderem mais precisamente aos elementos ideológicos da Direita Cristã estadunidense. As eleições de 2014 demarcam bem o alinhamento de grupos pentecostais não apenas com pautas morais, mas com a agenda econômica liberal, marca do ideário econômico da direita dos EUA.

É notório em pesquisas feitas nos anais do Congresso Nacional (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021) como o ativismo de parlamentares brasileiros recrudesceu a partir de 2017, depois do impedimento de Dilma Rousseff. Também

percebe-se o aumento de viagens de parlamentares evangélico pentecostais brasileiros a Israel, por convites feitos pelo governo judeu em 2017 e em 2019, numa visível tentativa do Estado israelense angariar apoio entre os religiosos.

Neste momento histórico, importantes nomes do pentecostalismo brasileiro, ligados às coalizações e organizações sionistas dos EUA que supracitamos, começam também a engrossar os discursos antiesquerda e aderir ao movimento da direita que culminaria no bolsonarismo. Quando da eleição de Bolsonaro em 2018, segundo Fonseca (2018), o candidato do PSL obteve 67% dos votos válidos da população evangélica do país. A eleição de Bolsonaro abriu as portas do Palácio do Planalto para as lideranças evangélicas do país, que passaram a ser base forte do governo. Bolsonaro também fez questão de estreitar os laços com Trump e com a direita cristã dos EUA, que sempre tentou influenciar os evangélicos brasileiros.

É interessante notar que, importantes nomes da Direita Cristã dos EUA e de movimentos sionistas ligados a ela, trabalharam para a eleição de Bolsonaro. A *Capitol Ministries* é uma organização fundada nos EUA em 1996 pelo pastor Ralph Drollinger, com o objetivo de converter parlamentares e políticos ao cristianismo e a uma cosmovisão cristã, a partir de encontros bíblicos nas sedes do poder. A *Capitol* permeou o alto escalão do governo Trump e, a partir de então, espraiou suas atividades na América Latina. No Brasil, a *Capitol* chegou em 2017, em São Paulo, através do pastor batista Giovaldo de Freitas. Quando foi assumida pelo pastor e assessor parlamentar Raul José Ferreira Junior, o pastor fez uma declaração importante que já trazia sinais dos tempos¹⁹: “reconstruir a nação a partir de valores cristãos que são forjados através do estudo da palavra [...] nossa ideia é chegar a nível de Presidência da República e ministros, primeiro escalão”.²⁰

Outra importante organização religiosa vinculada à Direita Cristã a atuar no Brasil, foi a *Latin Coalition International (LCI)*, liderada pelo pastor americano Mario Bramnick e sediada em Miami, que é uma das maiores entidades sionistas da América

¹⁹ Disponível em: <http://cpadnews.com.br/universo-cristao/48206/pastores-ligados-a-trump-chegam-ao-brasil-para-iniciar-estudos-biblicos-no-congresso.html>.

²⁰ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/12/politica/1565621932_778084.html. Acesso em 12/12/2022.

Latina, tendo por objetivo influenciar funcionários dos governos latinos e igrejas e líderes religiosos do continente a apoiarem incondicionalmente o estado judeu e a defenderem o reconhecimento de Jerusalém como sua capital, com a subsequente transferências das embaixadas para lá. A para-diplomacia pró-Israel feita pela LCI, tem se mostrado influente nas igrejas pentecostais latino-americanas: quando o presidente Morales da Guatemala anunciou a transferência da embaixada guatemalteca para Jerusalém em 2018, mais de 80 líderes evangélicos lhe foram agradecer e jurar apoio ao seu governo²¹. Em 2018, o pastor Bramnick, líder da LCI, visitou a Igreja Batista da Lagoinha (uma das maiores igrejas neopentecostais do Brasil, ligada a Peter Wagner e a Pet Robertson, transmissora do programa Club 700 no Brasil), para celebrar na igreja a comemoração dos 70 anos de fundação do Estado de Israel, com a presença da ex-congressista estadunidense e fundadora do *Tea Party*, Michele Bachmann. Bachmann discursou no altar da igreja durante o evento, afirmando que por mais de três mil anos Jerusalém havia sido a capital de Israel e que os irmãos deveriam se preocupar em votar em um candidato que mudasse a embaixada de Tel Aviv para Jerusalém²² (isto em 2018, em plena campanha de Jair Bolsonaro que já havia prometido fazer isso). No mesmo culto, Eduardo Bolsonaro, que estava presente, entregou, simbolicamente, uma chave ao deputado israelense Robert Ilatov, significando a entrega da chave do Brasil para Israel, ao que foi seguido por uma homenagem a Oswaldo Aranha e “sua atuação pró-Israel na ONU” feita pela pastora Jane Silva – que tempos depois declarou que o tesoureiro da campanha de Bolsonaro havia financiado o evento. Assim, vê-se que houve “articulações entre o candidato do PSL, os evangélicos e parte da comunidade judaica locais, assim como atores internacionais – israelenses e estadunidenses” (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021, pg. 20) para a eleição de Bolsonaro à presidência.

Em dezembro de 2018, Bramnick voltou ao Brasil com a finalidade de encontrar-se com o recém-eleito presidente da República e encorajá-lo a transladar a embaixada brasileira a Jerusalém. Neste encontro, o pastor norte-americano declarou “acreditar firmemente que a mão de Deus está sobre o Presidente Bolsonaro”. Tudo indica que a nomeação de Mike Pompeu, um *evangelical* radical, para conduzir a política externa, durante o primeiro

²¹ Disponível em: <https://lci.global/jns-org-jewish-christian-leaders-visit-guatemala-affirm-central-american-nations-courageous-act-jerusalem/>. Acesso em: 30/11/2022.

²² Disponível em: <https://comunhao.com.br/70-anos-israel-lagoinha/>. Acesso em: 30/11/2022.

semestre de 2018, amplificou a influência da direita cristã nas iniciativas norte-americanas na região e teria fomentado a circulação de líderes da direita norte-americana e de sionistas cristãos no Brasil e no resto da América Latina. Pompeu representou Trump na posse de Bolsonaro em janeiro de 2019, cerimônia que contou com a participação de várias outras lideranças de direita no mundo. Deve-se registrar que na visita que fez a Jair Bolsonaro, no Rio de Janeiro, às vésperas da solenidade de posse, Binyamin Netanyahu, premier de Israel, o convidou para uma visita a Israel e declarou à imprensa que ouvira do brasileiro “a promessa de transferir a embaixada para Jerusalém”. (MACHADO; MARIZ; CARRANZA, 2021, pg. 21)

Tendo visto, até aqui, as influências estadunidenses tanto nos pentecostalismos brasileiros e as articulações da Direita Cristã dos EUA no ambiente religioso e político do país, inclusive na própria eleição de Bolsonaro, cabe agora olharmos estes aspectos no chão brasileiro, um pouco mais de perto.

4.3 Dispensacionalismo e utilitarismo no *lobby* pró-Israel

Sem dúvida, o Dispensacionalismo é o marcador teológico mais importante na relação entre os pentecostais e Israel. Sucintamente, o Dispensacionalismo é um sistema teológico, normalmente atribuído ao teólogo inglês John Darby (1800 – 1882). Em linhas gerais, a doutrina dispensacionalista foi muito influente no Reino Unido e nos Estados Unidos, repercutindo inclusive da política da Era Vitoriana. O sistema acredita que Deus tem dois povos distintos, a Igreja e Israel, e que um não substituirá o outro. As promessas que Deus havia feito ao antigo Israel seriam cumpridas, inclusive a de que a antiga terra de Canaã (atual Palestina), seria do povo de Israel para sempre, e isto seria um forte marcador do fim dos tempos. Quando ocorre a criação do Estado de Israel e a Partilha da Palestina, o dispensacionalismo viveu uma afirmação e um revigoramento no mundo todo, uma vez que os cristãos viram a promessa de Deus se concretizar, ao devolver a terra prometida aos filhos de Israel.

O pentecostalismo é o maior bastião da doutrina dispensacionalista em toda a cristandade, daí o apreço dos pentecostais com o estado judeu, com os símbolos judaicos e com tudo que diga respeito a Israel. Eles creem na famosa batalha do Armagedom, onde todas as nações se reunirão em torno de Israel para destruí-lo no final dos tempos, onde o próprio Jesus aparecerá e salvará os israelitas da fúria das

nações e iniciará um milênio onde reinará, a partir de Jerusalém, sobre todo o mundo, com paz e justiça (PENTECOST, 2012), portanto Israel, para os pentecostais, é o local privilegiado de combates apocalípticos, uma terra envolta em fé e expectativas futurísticas.

Além do aspecto apocalíptico e da crença dispensacionalista de que a terra da Palestina é dos judeus, portanto a Partilha da Palestina e a ocupação judaica dos territórios palestinos seriam não somente justas, mas teriam justificativas bíblicas, os pentecostais ainda nutrem apreço por Israel por um aspecto mais privado: promessas bíblicas de benção a todos que foram amigos de Israel:

Orai pela paz de Jerusalém; prosperarão aqueles que te amam. Haja paz dentro de teus muros, e prosperidade dentro dos teus palácios. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Salmos 122:6-7)

“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, Gênesis 12:1-3)

Os dois versículos bíblicos supracitados, são as principais bases bíblicas do sionismo pentecostal. Vejamos isto nos discursos de pastores pentecostais eminentes no país:

Nós quando torcemos por Israel, quando nós oramos por Israel, nós estamos orando para o povo escolhido por Deus, do qual nós também estamos inseridos. Quem ora pela paz de Jerusalém tem a garantia de Deus, prosperarão. Você quer prosperar? Então tá na hora agora, levante a sua mão pro céu, em nome de Jesus, meu pai, nós estendemos as mãos e te pedimos por Jerusalém. Jerusalém, a capital eterna de Israel. Aleluia, ó soberano de Israel, em nome do senhor jesus, nós te pedimos por este povo. Bispo Edir Macedo 16 (TEMPLO DE SALOMÃO, 2018)

A gente aprende desde novo a amar Israel, por um princípio bíblico. Porque há uma bênção sobre Abraão, que Deus deu sobre Abraão, dizendo: eu vou abençoar os que te abençoarem e vou amaldiçoar os que te amaldiçoarem. Essa bênção transcende Abraão, ela ultrapassa os limites de Abraão. Então

nós aprendemos e ensinamos na nossa igreja a termos um amor por Israel como nação e pelo povo que tá vinculado a essa nação que é o povo judeu. Pr. Silas Malafaia 17 (MALAFAIA, 2015a).

É bom que se espalhe o que um judeu falou para mim em certa ocasião. Quando ele era pequeno, o avô dele disse: ‘Meu filho, só existem dois tipos de pessoas que você vai enfrentar neste mundo: aqueles que amam Israel e aqueles que odeiam’. E este Salmo 122 garante uma vida próspera e abençoada para aqueles que amam Israel”. Bispo Edir Macedo (CRUZ, 2019)

Nós que cremos que a bíblia é a inerrante palavra de Deus, nós não temos nada a ver com a opinião pública, nem com lógica. Aqui, a fé ela não tem que ver com meu entendimento, com a minha lógica e com a opinião pública. Então deixa eu citar a bíblia pra vocês, quando Deus disse para Abraão, em Gênesis 12 sai da tua casa da tua parentela para uma Terra que eu te mostrarei, eu vou fazer de você uma grande nação, eu vou abençoar os que te abençoarem, eu vou amaldiçoar os que te amaldiçoarem, em ti serão benditas todas as famílias da Terra. Querido, agora eu vou fazer a análise da frase, eu tô vendo gente falar bobagem na internet. Quem te falou que essa promessa de Deus acaba em Abraão? Quem te falou que a promessa de Deus termina ali ou para a geração futura? Silas Malafaia (MALAFAIA, 2015b). (ZIMMER, 2021, pg. 57).

Zimmer (2021, pg. 57,58) ainda elenca falas de parlamentares, vinculados a igrejas pentecostais, que utilizam o argumento bíblico como base para a aproximação do Estado brasileiro com o estado judeu:

Na hora que abençoamos as lutas de Israel que cuidamos de ajudar de levar a consequências boas, o que que acontece? A gente recebe benção. Israel é abençoado, Brasil também, e é por isso que estamos aqui, comemorando mais uma vez essa maravilhosa aliança que, afora ser aliança social, política, é uma aliança espiritual. Dep. Pedro Ribeiro 18 PMDB- CE (FRENPAZBRIL, 2011).

A ex-presidente Dilma, se negou a receber no Brasil o embaixador de Israel Dani Dayan em 2015. A história, e eu quero falar aqui um pouquinho do que a gente conhece bíblicamente, a história diz que Deus abençoa quem abençoa Israel, mas aqueles que se levantam contra Israel também sofrem na pele quando se colocam contra a nação de Israel. Dep. Alan Rick REPUBLICANOS - AC (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019).

Que possamos nos lembrar de orar pela paz de Jerusalém. Nós temos feito isso, e temos certeza de que aqueles que buscam essa paz prosperarão. Como disse o pastor, Deputado que nos antecedeu, a bênção de Abraão permanece sobre o Estado de Israel. Todos os que te abençoarem serão abençoados. Nós estamos hoje aqui, nesta sessão solene, abençoando a nação israelita, o Estado de Israel, os seus membros, o seu Parlamento e todos os que compõem essa grande nação. Dep. Jefferson Campos 19 PTB - SP (DETAQ, 2009).

Conforme vimos nos capítulos anteriores, o pentecostalismo é uma religião marcada pela Teologia da Prosperidade, que orienta as preocupações do fiel para as necessidades de seu cotidiano, para a resolução de seus problemas conjugais, profissionais, de saúde e, principalmente, de cunho financeiro. Quando vemos, nas falas de representantes da religião, de forma bastante clara, a base de incentivo da amizade para com Israel e o povo judeu, baseada, sobretudo em promessas de prosperidade, vemos, além do aspecto doutrinário do dispensacionalismo, que ocupa boa parte da produção acadêmica sobre o tema do sionismo cristão, um aspecto peculiar da própria estrutura ideacional da religião pentecostal: uma profunda preocupação com o aqui-agora, com a benção, com a prosperidade pessoal: eu abençoo Israel, porque em troca eu serei abençoados. Poderíamos, a partir desta análise de discurso, aventar a existência de um elemento utilitarista no sionismo pentecostal?

4.4 O sionismo pentecostal nos discursos parlamentares

Nesta seção, através dos discursos de parlamentares evangélico pentecostais nas tribunas do Congresso Nacional, vamos analisar como estes congressistas buscam fomentar a ideia de que um alinhamento a Israel seria de interesse nacional. A leitura destes discursos, com elementos religiosos e, algumas vezes, civilizacionais, nos ajudará a entender as justificativas dadas por Bolsonaro e o Itamaraty sob sua gestão, para um alinhamento automático ao estado israelense. Senão, vejamos.

O que o Brasil, país terceiro-mundista da distante América Latina, teria como interesse nacional um alinhamento automático a um estado minúsculo do Oriente

Médio, pivô de um conflito de mais de cem anos que faz da região um barril de pólvora? Zimmer (2021, pg. 64, 65) elenca discursos de alguns parlamentares sobre o assunto:

Eu tive a felicidade de ir oito vezes a Israel. Na primeira vez, lembro-me de que comecei a fazer um paralelo: Israel tem 22 mil e 74 quilômetros quadrados; Sergipe, 27 mil e 400 quilômetros quadrados; o Brasil tem 8 milhões e 574 mil quilômetros quadrados. Numa terra tão pequena, (...) quantas invenções, quantas criações, quanta inteligência, quanta benção de Deus sobre a cabeça de cada um dos que amam Israel, lá vivem e são israelitas! Portanto, Embaixador, estamos felizes, e nossa felicidade se transforma em alegria ao podermos dizer que gostaríamos muito que Brasil e Israel fossem cada dia mais próximos. (...) É dentro desta relação, dentro desse intercâmbio, que temos a certeza de que o Brasil também será abençoado. Dep. Gilberto Nascimento 27 PSC - SP (DETAQ, 2019).

Fiquei muito surpreso ao saber que, mesmo ocupando um território menor do que o Estado de Sergipe, Israel representa um verdadeiro celeiro de tecnologia e inovação de ponta. O país é dono de um PIB superior a 400 bilhões de dólares. Estima-se que, a cada ano, 1,4 mil startups nasçam por lá — isso significa 1 a cada 6 horas. (...) Aliás, na minha visita como Ministro de Estado, pedi o apoio do Estado de Israel à minha contraparte, ao então Ministro da Indústria de Israel, para que Israel apoiasse a adesão do Brasil, a aceitação do Brasil, pela OCDE. Além disso, existem cerca de 150 fundos de venture capital em operação em Israel. Dep. Marcos Pereira 28 REPUBLICANOS - SP (DETAQ, 2019).

São motivo de admiração suas tecnologias, como a de irrigação, dessalinização da água e de criação de sementes resistentes à seca. Por meio dessas técnicas os cidadãos israelenses desfrutam de vida digna mesmo com recursos hídricos escassos. São inovações que devem servir de exemplo para o Brasil, felizmente os 2 países contam com uma série de acordos de cooperação firmados por meio dos quais podemos trocar conhecimento e aprender muito sobre a superação das barreiras que se colocam no caminho da dignidade, da justiça e da paz. Dep. Roberto de Lucena PODEMOS - SP (DETAQ, 2019)

Nas falas apresentadas, podemos observar um certo encantamento com os avanços econômicos do pequeno estado do Oriente Médio. Paralelos são feitos com

a região desértica de Israel e as regiões secas do nordeste brasileiro, comparações com o PIB elevado do país, sua alta produção tecnológica a despeito dos recursos naturais escassos da sua natureza, implicitamente, uma comparação existe nestas falar entre Israel e Brasil, como a dizer: por que um país tão pequeno e pobre de recursos consegue um feito econômico, tecnológico e industrial destes, e um país com as dimensões continentais e naturais como o Brasil não consegue?

Novamente, vemos um elemento utilitarista na aproximação pentecostal com Israel, agora a nível de estado. Nos excertos podemos identificar um interesse implícito de que a aproximação com o estado judeu traga, de alguma forma, lucros e benefícios ao país, no entanto, aqui encontramos o pano de fundo religioso: não se trata aqui, de reciprocidades naturais entre acordos entre estados, uma política externa pragmática visando trocas para o bem comum entre os dois países. No pano de fundo destas falas, encontramos, mais uma vez, o elemento religioso que promete benção materiais a todos os que abençoam a nação mitológica, mas aqui ele sai do privado, e a promessa bíblica ganha, então, a nível de interesse nacional—o Brasil seria abençoado por se aproximar do estado judeu.

Aqui, caberia a discussão se o elemento religioso é legítimo na construção de políticas externas? Sobre isto, Zimmer contribui (2021, pg. 66, 67):

Na verdade, o interesse religioso é aqui indissolúvel do interesse material, já que o próprio Deus promete bônus materiais pelo apoio à Israel. Dessa forma, o relativo distanciamento e a equidade no envolvimento com as questões políticas do Oriente Médio perdem seu sentido. O discurso do Sionismo cristão entende que com a aproximação à Israel “nós vamos ganhar muito mais do que vendendo carne pra (sic) país árabe. Não to aqui menosprezando isso, mas não vai ser nada. Nós temos muito mais a ganhar com Israel do que menosprezando” (MALAFAIA, 2019b)

Segundo Adler (1999) o interesse nacional não é um dado exógeno que existe fora do tempo e da ação humana. Aquilo que atende ao bem geral da nação não é passível de ser observado e descoberto objetivamente. É, na verdade, uma construção intersubjetiva que emerge e se estabelece socialmente pelos atores envolvidos na arena política (WELDES, 1996).

O discurso pentecostal pela aproximação com Israel se insere nesta lógica. Ele fabrica, por meio de esquemas de percepção, o interesse nacional brasileiro. “Não se trata de um discurso de 67 crítica, de embate com os não evangélicos na Câmara” (GONÇALVES, 2015), mas sim um posicionamento inclusivo e conciliatório com os demais que também querem o que é o melhor para o Brasil. Não é o interesse mesquinho do grupo que só se importa com os próprios interesses, mas sim o interesse coletivo pelo bem da nação.

4.5 O Itamaraty de Bolsonaro

A partir da jornada que percorremos até aqui, apresentando aspectos conjunturais e ideacionais importantes na relação entre política e religião nos meandros do poder no Brasil, podemos, finalmente, olhar mais de perto o Itamaraty e PEB para Israel, sob Bolsonaro.

4.5.1 O elemento ideológico

Saraiva e Silva (2019, pg. 118), ao porem em perspectiva a PEB de Bolsonaro, trazem duas definições política externa: uma, ideológica e uma pragmática. Para os autores, uma política externa ideológica:

[...] é aquela que parte de um mapa cognitivo e é focada e doutrinas e princípios, priorizando a compatibilidade de alternativas aos princípios defendidos em detrimento das consequências práticas desses princípios. Enquanto isso, uma política externa pragmática seria baseada na utilidade e praticidade de suas ideias, em que o peso das consequências de cada ação supera o apreço por um ou outro princípio. A ideológica seria mais associada a personalismos e administrações específicas, enquanto a pragmática seria associada a um planejamento de médio-longo prazo, como uma “política de Estado”.

Bolsonaro lançou as bases de sua eventual política externa já na campanha eleitoral: criticou a relação do Brasil com os países latino-americanos, sobretudo com a Venezuela sob as gestões petistas, declarou aproximação total de Trump, das direitas mundiais, prometeu o traslado da embaixada israelense para Jerusalém, além

de ter feito uma visita controversa a Taiwan que causou suspeções nas autoridades chinesas.

A influência do ideólogo Olavo de Carvalho, quando da campanha de Bolsonaro, já era notória sobre ele e os filhos. Esta influência pesou bastante nas escolhas dos ministros do Governo, quando Bolsonaro, já eleito, privilegiou conceder postos chave para elementos ideológicos a alunos de Olavo de Carvalho: a pasta da educação ficou para Ricardo Vélez Rodriguez e a chancelaria para Ernesto Araújo.

Em 2016, Ernesto Araújo escreveu um artigo²³ em função da eleição de Trump, onde caracterizava o mandatário dos EUA como um defensor do Ocidente, que, segundo Araújo, estava em franca decadência. Araújo definiu o Ocidente como um ente orgânico que representa um conjunto de ideias comuns ameaçadas de desaparecimento frente a ameaças como o terrorismo islâmico, o abandono da identidade própria e que seria necessária uma luta, empreendida pelos países ocidentais, dos quais o Brasil faria parte, pelo resgate da civilização ocidental e seu destino, contra a ameaça do globalismo.

Escrevendo para a *Bloomberg*, o chanceler afirmou que Bolsonaro não havia sido eleitos para perpetuar pragmatismos, senão para defender o que chamou de “defesa da liberdade e da democracia”²⁴. Em um discurso em Brasília, Araújo falou de um Brasil que tentava se reencontrar consigo mesmo em meio a um mundo de “desenraizamento e de homogeneização das nações, contra o qual nos insurgimos”²⁵. Já nos primeiros momentos de sua gestão, Araújo mandou trocar os passaportes brasileiros retirando o símbolo do Mercosul colocando o Brasão da República no lugar, retirou a história dos países latinos do quadro de disciplinas da formação de

²³ Disponível em: Araújo, Ernesto – «Trump e o Ocidente». In Cadernos de Política Exterior (IPRI). Vol. 3, N.º 6, 2017, pp. 323-358.

²⁴ Disponível em: Araújo, Ernesto – «Bolsonaro was not elected to take Brazil as he found it». In Bloomberg. 7 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2019-01-07/brazil-s-bolsonaro-brings-foreign-policy-revolution-says-araujo..> Acesso em 10/10/2022.

²⁵ Disponível em: Ministério das Relações Exteriores – «Discurso do ministro Ernesto Araújo na conferência “A Cooperação entre o Brasil e a África”, por ocasião da celebração do Dia da África – Brasília, 27 de maio de 2019». Disponível em <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/20456-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-conferencia-a-cooperacao-entre-o-brasil-e-a-africa-por-ocasiao-da-celebracao-do-dia-da-africa-brasilia-27-de-maio-de-2019>.

diplomatas do Instituto Rio Branco além de promover seminários sobre “globalismo” no Itamaraty.

Uma das coisas que mais se destacam no elemento ideológico de Ernesto Araújo, é sua crítica, frequente e contundente, ao que chama de globalismo, sempre vindo acompanhada de um elemento civilizacional, que fala de um resgate da civilização judaico-cristã. Araújo toma a matriz religiosa do Ocidente como elemento civilizacional e comprehende tudo que não converse com essa matriz, como obra de elites internacionais para que a civilização ocidental entra em derrocada, daí se depreende como vicejam com facilidade, nos populismos de extrema-direita, teorias de conspiração de ordens e elites predatórias que querem acabar com a ordem mundial e implantar alguma outra coisa no lugar. Zimmer (2021), ao se debruçar sobre os populismos de extrema-direita, elencam três fatores fundamentais que operam na narrativa nacionalista destes populismos: 1) o anti-globalismo; 2) o papel nacionalista; 3) uma função de combate ao inimigo. O globalismo é compreendido nos sistemas de representações da extrema-direita e seus populismos, como um fenômeno de massas que visa desestabilizar a ordem das nações, apagar suas identidades nacionais próprias, o valor da alteridade nacional, promover uma pasteurização das características próprias dos países para criar uma sociedade global governada por elites internacionais, com o objetivo de enfraquecer os governos locais, promover a destruição dos valores ocidentais (greco-romanos para alguns, judaico-cristãos para outros), gerando todo tipo de crises. Para Guimarães e Silva (apud. Zimmer 2021, pg. 82) “They share the assumption that liberation from liberal internationalism will herald a ‘natural’ order in which the strength of national identity will be unleashed”.

É interessante notar que, conforme já vimos, estes elementos civilizacionais presentes nos populismos da extrema-direita não são estranhos totalmente aos pentecostais, uma vez que estes vivem em expectativas escatológicas do fim do mundo e sempre estão à espera de catástrofes para nelas encontrarem sinais do fim dos tempos. Pentecostais têm assimilado os sistemas de significação da extrema-direita a seus próprios elementos teológicos. Cada vez mais têm aderido à guerra contra o globalismo, a um conceito de nacionalismo e à valorização de Israel enquanto nação originadora da civilização ocidental (abaixo falas de pastores e líderes pentecostais sobre o tema):

Não preciso me prolongar, portanto, em dizer que devemos dar as mãos ao povo judeu, que hoje cuida do que é parte da história d'Aquele a quem somos devotos. Por razões que vão muito além das religiosas, o Estado de Israel é responsável pela preservação da nossa cultura enquanto cristãos, ocidentais e seres humanos, e merece todo nosso apoio e irmandade. Falo em nome da Frente Parlamentar em Defesa da Vida e da Família, (...) além de representar todos aqueles que tiverem qualquer respeito pela história e pela cultura construídos, ao longo de milênios, na cidade mais antiga do mundo. Dep. Alan Rick REPUBLICANOS - AC (DETAQ, 2017).

Eu não poderia deixar de comemorar a data e relembrar parte da história. Saliento ainda que Israel fez inúmeras contribuições, olhando sob aspecto das realizações, fez inúmeras contribuições para a humanidade em diversas áreas. Ali está o alicerce da civilização judaico-cristã. Dep. Takayama 29 PSC - PR (DETAQ, 2018).

O Brasil é um país predominantemente cristão. De acordo com levantamento do IBGE, mais de 85% da nossa população é cristã, e temos um vínculo de amizade inegável com a nação de Israel. Todos que se intitulam cristãos devem envidar esforços pela defesa de Israel. O legado do povo judaico é o berço do cristianismo, e, portanto, o berço da história da fé brasileira, e por isso devemos nos alegrar na data de hoje. Dep. Takayama PSC - PR (DETAQ, 2017)

Quando eu me refiro a cultura judaico-cristã eu to pegando a bíblia como um todo, porque se você pega só o Novo Testamento, sem o antigo testamento, você vai ser roubado de toda uma fundamentação que Deus estabeleceu. Na verdade, a igreja não veio para substituir Israel, (...) o Novo Testamento não é uma substituição do antigo, é pra ser uma continuidade, porque quando nós pensamos nos princípios que deus estabeleceu sobre sacerdócio, sobre como restaurar os alicerces de uma sociedade, você vai encontrar tudo isso no Antigo Testamento, então é muito importante a gente considerar a cultura judaico-cristã. Pr. Marcos Borger Coty 30 (COTY, 2019).

O fator mais importante para criação da Europa e das Américas, a influência cristã permeia toda a vida desses continentes. Se o modelo do Ocidente não fosse o modelo judaico-cristão o ocidente seria uma sociedade de bárbaros, o que é o Ocidente? Isso é o negócio mais maluco que eu fico vendo, vem do cristianismo: direitos humanos, direito à vida, valorização da mulher, da

criança e do idoso, família e vida em família. Pr. Silas Malafaia (MALAFAIA, 2019a) (ZIMMER, 2021, pg. 67,68).

A religião, aqui, é entendida como elemento civilizatório e ordenador social. A modernidade secularizada é vista como um mal que está a destruir a ordem e a civilização, o combate estaria em um retorno à uma ordem social baseada na religião, à uma tradição moral passada, natural e estável promotora de paz. Além disto, nestes sistemas de significação da extrema-direita, assimilados pelos pentecostais, a religião funciona também como um marcado de nós x eles: o nós somos nós que valorizamos a ordem baseada na religião, na tradição, na moral judaico-cristão. O eles, é todo o resto que não orbita neste quadro de representações e precisa ser combatido.

4.5.2 A Terra Prometida no Itamaraty de Bolsonaro

Após percorrer uma jornada onde tentamos reunir aspectos históricos, conjunturais, ideacionais e teológicos, para compor um quadro geral que nos permitisse ver como articulações entre o populismo bolsonarista (de extrema-direita), o pentecostalismo brasileiro se imbricavam no cenário político nacional, nesta seção vamos, finalmente analisar como as influências e conjunturas que vimos até aqui, e não foram poucas, podem nos ajudar a entender a influência pentecostal na PEB para Israel, no Itamaraty bolsonarista.

Já na campanha eleitoral, como já vimos, Bolsonaro sinalizava uma aproximação histórica do Brasil com Israel. No documento de programa de governo do então candidato, bastante influenciado por pastores pentecostais, o estado israelense é citado cinco vezes (PSL,2018). A aproximação com Israel foi, antes de mais nada, uma reação crítica de Bolsonaro às PEBs dos governos petistas, sobretudo com países como Venezuela e Cuba. Bolsonaro sempre considerou as interações sul-sul como insignificantes e sem ganhos econômicos relevantes. A visão da PEB bolsonarista sempre foi primeiro-mundista, o presidente sempre preconizou a relação com países desenvolvidos, por isso as tentativas de acordos para a entrada do Brasil na OCDE.

No tocante a Israel, Bolsonaro creditou o que entendia como um afastamento do Brasil em relação ao estado judeu como medidas ideológicas promovidas pelo PT, cuja política externa “esquerdista” e “pró-árabe” seria fruto de ideologização (NASSER, 2020). Em 2019, Bolsonaro visitou o Estado de Israel, onde os governos assinaram cinco acordo de cooperação em defesa, serviços aéreos, ciência e tecnologia e segurança cibernética.

Também foram bastante controversas as votações do Brasil, sobre Israel, em órgãos internacionais. Em 2019, o Brasil votou contra uma resolução condenatória que denunciava a ocupação ilegal de Israel sobre as Colinas de Golã (CHADE, 2019). Já em 2020, o Brasil votou contra outra resolução do Conselho de Direitos Humanos da ONU que também condenava violações do Direito Internacional nas ocupações judaicas no território palestino.

Na PEB de Bolsonaro para Israel, o elemento identitário está presente. Bolsonaro tenta resgatar o elemento nacional na PEB que, para ele, até então havia sido puramente ideológico. Ele sabe que está indo além do pragmatismo característico do Itamaraty: “a minha tese é de que o pragmatismo só faz sentido se ele tiver um sentido, se ele se basear em uma direção, um plano, em um sentimento de identidade” (TV SENADO, 2019). Ernesto Araújo traduz isto:

Eu acho que, obviamente, é a civilização ocidental, greco-romana, judaico-cristã, chamemos como quiser. (...) Eu acho que esse é o nosso projeto, a nossa aventura, na qual nós temos um papel fundamental, não um papel secundário. Porque, dentro dessa civilização, hoje, o Brasil, ao menos numericamente, é o segundo maior país desse conjunto, o que nos dá uma responsabilidade. Acho que temos que assumir esse protagonismo, porque tudo que nós somos, tudo que nós sentimos está baseado nisso. (FUNAG, 2020).

A PEB de Bolsonaro seria, portanto, um elemento de resgate de identidade nacional, onde o Brasil deixaria o elemento ideológico para falar com seus pares, o mundo ocidental com quem compartilhar elementos fundacionais e civilizacionais. Este elemento fundacional e civilizacional comum com Israel, une as duas nações num componente identitário comum – Bolsonaro chamava Netanyahu de irmão – cujo

pano de fundo comum é a matriz religiosa comum entre as duas nações, assim como encontramos nos discursos de pastores pentecostais que citamos:

Estivemos separados por algum tempo, tendo em vista o governo ideologicamente de esquerda, mas as nossas origens falaram mais alto, o povo entendeu que deveríamos mudar o destino do Brasil e contra muita coisa, mas tendo Deus ao nosso lado conseguimos a vitória (PODER 360, 2019). Meu governo está firmemente decidido em fortalecer a parceria entre Brasil e Israel, a amizade entre nossos povos é histórica. Tivemos um pequeno momento de afastamento, mas Deus sabe o que faz, brasileiros e israelenses compartilham valores, tradições culturais e o apreço à liberdade e a democracia (TV BRASIL, 2019).

O que é chamado de defesa da civilização na PEB, é mais ou menos o que existe no coração de milhares de cidadãos evangélicos no ambiente interno do país, que, a partir de teologias como a do Domínio, também entendem que precisam se posicionar na defesa dos princípios, valores e moral cristãos contra os inimigos de fora que lhes querem anular. Bolsonaro não pode criar narrativas do zero, então ele as adapta para que sejam assimiladas por suas bases eleitorais, dentro da realidade e dos elementos ideacionais delas (o que tentamos demonstrar no encadeamento de todo o trabalho).

A aproximação com Israel não fala apenas de um aceno aos EUA, de quem o estado judeu sempre foi um aliado especial, nem apenas fala de uma pretensa aproximação de reciprocidades uma vez que o comércio com Israel, quando da visita de Bolsonaro ao país, era de menos de 2%²⁶. A aproximação com Israel fala de um elemento ideológico da gestão Bolsonaro, da volta da religião ao cerne do *policymaking*, e um importante aceno à sua aguerrida base evangélica, próxima espiritualmente do estado judeu por um desejo de ser abençoada como recompensa de sua amizade pelos filhos de Israel.

Motivados igualmente por suas bases eleitorais evangélicas, EUA e Guatemala trasladaram suas embaixadas para Jerusalém, reconhecendo a cidade milenar como

²⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/com-israel-brasil-tem-relacao-marcada-por-deficit-comercial-apoio-solucao-de-dois-estados-1-23336650>. Acesso em: 15/11/2022.

capital do estado judeu moderno. A imensa maioria dos países que possuem representações diplomáticas em Israel, mantém suas embaixadas em Tel Aviv, numa atitude de prudência, uma vez que transferir uma embaixada para Jerusalém, é reconhecer a soberania israelense sobre a cidade, e isto é tema controverso, uma vez que, além do status especial que possui internacionalmente, Jerusalém é reivindicada como capital por israelenses (que ocuparam a parte oriental da cidade ilegalmente) e palestinos.

O anúncio da transferência da embaixada brasileira para Jerusalém, além dos motivos religiosos e civilizatórios, poderia também ser entendido como uma manobra de Bolsonaro para formar uma coalizão de extrema-direita no mundo, uma vez que a transferência, uma vez efetivada, lhe daria a visibilidade de um líder mundialmente reconhecido em sua aliança com Israel e EUA, ambos também governados, então, por políticos da *far-right*? Dentro de casa, o ato estaria respondendo à demanda encampada pelos pentecostais de que a transferência da embaixada seria o cumprimento de exigências divinas, uma vez que a terra prometida havia sido dada a Israel. Bolsonaro, ali, se posicionaria nos planos doméstico e internacional. Israel é bastante ciente do apoio que recebe dos pentecostais brasileiros. Em 30 de outubro de 2018, Benjamin Netanyahu se encontrou, no Rio de Janeiro, com muitas lideranças evangélicas afirmou: “Não temos melhores amigos do que a comunidade evangélica, e a comunidade evangélica não tem melhor amigo do que o estado de Israel, [...] vocês são nossos irmãos”²⁷.

Ainda em 2018, o Egito alertou o governo brasileiro de possíveis repercussões negativas que a transferência da embaixada poderia trazer juntos a países árabes – uma missão brasileira programada para visitar o país foi cancelada pelos egípcios sem remarcação (SARAIVA; SILVA, 2019). Usando a metáfora do namoro, noivado com fim em um casamento para referir-se ao processo gradual da transferência da embaixada, Bolsonaro ao visitar Israel e fazer promessas e acenos carinhosos o tempo todo, ignorou totalmente os locais islâmicos da cidade, visitando com Netanyahu o Muro das Lamentações. Na visita, Bolsonaro anunciou a abertura de um escritório comercial brasileiro em Jerusalém, o que foi compreendido como um recuo

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nNDvgA3cUbQ&t=242s>. Acesso em: 05/11/2022.

na promessa, para desgosto das alas ideológicas e pentecostais do governo, e do próprio governo de Israel. Para minimizar os atritos com os países árabes, grandes compradores de *commodities*, a então ministra da Agricultura, Tereza Cristina, ofereceu um jantar a embaixadores árabes, na sede da Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária, com a presença do presidente.

Conquanto não tenha, de fato, transferido a embaixada para Jerusalém, os acenos de Bolsonaro para Israel foram significativos no plano simbólico, cujo capital é poderoso, por vezes muito mais do que ações concretas e efetivas (BOURDIEU, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano, é um ser religioso – todas as sociedades humanas têm alguma noção do sobrenatural, do divino ou de alguma forma de transcendência:

O impulso religioso, a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da existência empírica deste mundo, tem sido características perenes da humanidade (isto é, uma afirmação antropológica, e não teológica – um filósofo agnóstico ou mesmo ateu pode muito bem concordar com ela). Seria necessário algo como uma mutação de espécie para suprimir para sempre este impulso (BERGER, 2001, pg. 19 apud. VALERIO, 2020).

O ser humano também é um ser político, todas as sociedades se organizam em comunidades, têm lideranças, articulam-se para atingir objetivos, ou seja, fazem política. Mas, estas duas esferas do humano, podem andar juntas?

Depois de séculos de secularização, depois de a religião ter sido empurrada para fora da vida pública pelas Luzes, as ciências sociais voltam os olhos novamente para um retorno do fenômeno religioso na vivência política. Se as grandes pautas identitárias se impõem, cada vez mais, no debate público, se as minorias sociais conseguem, aos trancos, reclamar seus direitos, cidadãos legítimos, que pagam seus impostos, não poderiam também fazer política a partir de sua religião? A religião seria

menos substantiva para o fiel, do que sua cor, sua orientação sexual, sua condição social? Não temos todas as respostas.

Aqui, temos mais perguntas do que respostas, uma vez que ainda vivemos tempos de profundas mudanças, em todos os âmbitos da vida humana, e o retorno da religião, os projetos de uma sociedade evangélica deixaram os brasileiros estupefatos. No entanto, é preciso dizer que este fenômeno despertou uma curiosidade na academia, na imprensa, na grande mídia e nos partidos de esquerda, de olhar para os evangélicos enquanto fenômeno brasileiro inescapável que já é.

Neste trabalho, longe de querer trazer todas as respostas, nossa intenção foi por em perspectiva as diversas composições de um quadro (ou mosaico) bastante complexo da relação dos evangélicos pentecostais com a política em nossa país, processo histórico multifacetado que não pode ser revisto em um material como este por falta de espaço. Então, procuramos delinear, dentro do campo das Relações Internacionais, um fenômeno cada vez mais evidente nas igrejas pentecostais: o sionismo cristão, que reverbera na teologia e na política.

Compreendendo que Bolsonaro se aproximou dos pentecostais, e estes dele, procuramos investigar como a religião esteve presente no *policymaking* da PEB de Bolsonaro, diante do fenômeno do apoio maciço que ele teve dos pentecostais. Para isto, em primeiro lugar delineamos quem são os pentecostais, qual a origem desta religião tão preponderante em nosso país (e continente), qual a relação deles com a sociedade, afinal, precisamos saber de quem estamos falando.

Em um segundo momento, colocamos a figura de Bolsonaro na lupa, e, brevemente, levantamos um histórico conjuntural de como se deu a aproximação do político de extrema-direita com o grupo religioso. Para olharmos as confluências de sua PEB com elementos da religião, precisamos saber como se encontraram. Para isto também identificamos os principais marcadores teológicos da religião pentecostal, e cruzamos isto com as principais ideologias do populismo bolsonarista, para entendermos então, minimamente, se houveram – e como houveram – imbricamentos entre estes elementos ideacionais que permitissem a assimilação dos pentecostais e a acomodação do ideário bolsonarista em seu meio.

Por fim, rastreamos as influencias estadunidenses tanto no pentecostalismo quanto na direita brasileira, e vimos como essas forças se articularam para a eleição de Bolsonaro no Brasil. Vimos a partir daí, os elementos principais da aproximação de Bolsonaro com Israel, sobretudo como uma resposta política à sua base eleitoral pentecostal que esteve com ele até o fim do governo. Por mais que os atos concretos da PEB bolsonarista pareçam não terem sido tão efetivos para com Israel, a simbologia, os discursos e acenos do brasileiro a Israel, sua visita ao estado judeu, sua narrativa e sua concepção a respeito do estado judeu e o posicionamento pró-Israel do Brasil em votações em fóruns internacionais, têm muito a nos dizer sobre como religião e política voltaram, juntas, ao palco brasileiro, e, provavelmente, vão demorar a sair.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira.** Novos Estudos, Cebrap. São Paulo: v. 38 nDI, pg. 185-219, jan/abr 2019.

ANDERSON, Heaton Alan. **Uma introdução ao pentecostalismo: cristianismo carismático mundial.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI.** São Paulo: Editora Record, 2021.

BARBOSA, Carlos Antônio Carneiro. **Discursividade pentecostal II: a voz da mídia é a voz de Deus?.** São Paulo: Editora Reflexão, 2017.

BARON, Letícia. **Os novos movimentos de direita no Brasil e o discurso político partidário: ambivalências e contradições.** Leviathan, Cadernos de Pesquisa Política, n.13, pg. 1-29, 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

CAMPOS, Silveira Leonildo. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

CASTELLS, Manuel; CALDERÓN, Fernando. **A nova América Latina.** São Paulo: Editora Zahar, 2020.

CAVALO, Abel Augusto; ULRICH, Claudete. **Igreja Universal do Reino de Deus em Angola: um breve olhar sobre a crise.** Protestantismo em Revista. São Leopoldo: v. 47, n.01, pg. 32-48. Jan/Jun 2021.

CHADE, Jamil. Brasil rompe tradição e vota em defesa de Israel na ONU. 2019. Disponível em: . Acesso em 01/12/2022.

CHAUÍ, Marilena. **O retorno do teológico-político**. Disponível em:
https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/o_retorno_do_teologico.pdf.

CÔRTES, Mariana. **A revolta dos bastardos: do pentecostalismo ao bolsonarismo**. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/MKjkPy6MSrhRpJrMJpgrdvn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15/11/2022.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e política: ideologia e ação da Bancada Evangélica na Câmara Federal**. 2011

DIAS, Thayna. **PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização segundo Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar um velho sentido**. In: SOUZA, Jessé (org.). A atualidade de Max Weber. Brasília: Ed. UnB, 2000. ISBN 978-85- 230-0583-2, pp.105-162. Disponível em:
<file:///C:/Users/Acer/Downloads/Dialnet-PIERUCCIAntonioFlavioSecularizacaoSegundoMaxWeber-5175299.pdf>. Acesso em: 15/11/2022.

DOUGHERTY, Michael Brendam. **Muito além do Tea Party**: IN: Opera Mundi, 2012.

FINGERUT, Ariel. **Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos**. In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.) Uma nação com alma de igreja. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pg. 113-155, 2009.

FRESTON, Paul. **Bolsonaro, o populismo, os evangélicos e América Latina**. 2020. Disponível em:
<https://www.kas.de/documents/265553/265602/Neuer+politischer+Aktivismus+in+Braesiliens+Die+Evangelikalen+im+21.+Jahrhundert.pdf/b91a6b95-922b-6a02-b025-676ca206f6ea?version=1.0&t=1601315984837>. Acesso em 01/12/2022.

FUNAG. Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, por ocasião do Encontro Empresarial Brasil-Israel, em Jerusalém. 2019. Disponível em :. Acesso em 01/12/2022.

GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda. **Evangélicos: o novo ator político.** IN: _____ (orgs.). Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stifung, 2020.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JUNIOR, Graciano Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. **Os humilhados serão exaltados: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo.** Cad. Metrop., São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 547-579, maio/ago 2021.

LACERDA, Fabio; BRASILIENSE, Jose Mario. In: GUADALUPE, Jose Luis Pérez; GRUNDBERGER, Sebastián. **Evangélicos y poder en América Latina**, 2018.

LACERDA, Marina Basso. **Neoconservadorismo de periferia: articulação feminista, punitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados.** Tese de Doutoramento em Ciência Política. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos, 2018.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. **Plano de poder: Deus, os cristãos e a política.** Thomas Nelson Brasil, 2011.

MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília Loreto; CARRANZA, Brenda. **Articulações político-religiosas entre Brasil-USA: Direita e sionismo cristãos.** Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8670269>. Acesso em 05/12/2022.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** Edições Loyola, 2014.

MARIANO, Ricardo. **Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço.** Perspectiva Teológica, Belo Horizonte. Ano 43, Número 119, p. 11-36. Jan/Abr 2011.

MARIZ, Cecília Loreto. **A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio-antropológica.** IN: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 47, pp. 33-48, 1999.

MATEO, Luiza Rodrigues. **Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos.** Dissertação de Mestrado em relações internacionais. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, 2011.

MONTEIRO, Tadeu Geraldo; TEIXEIRA, Sávio Carlos. **Bolsonarismo: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Gramma livraria e editora, 2020.

MUDDE, Cas. **A extrema-direita hoje.** Rio de Janeiro: Editora Eduerj, 2022.

NASSER, R. M.; HUBERMAN, B. **A Diplomacia das Armas?: Relações Brasil-Israel de Lula a Bolsonaro.** 2020.

PENTECOST, Dwight J. **Manual de Escatologia.** Editora Vida, 2012.

ROLIM, Francisco. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa.** Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

ROSAS, N. **Dominação evangélica no Brasil: o caso do grupo musical Diante do Trono.** Revista Contemporânea, v.5, n.2, pg. 235-258.

SARAIVA, Miriam Gomes; SILVA, Álvaro Vicente Costa. **Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro.** Relações Internacionais, dezembro, pg. 117-137, 2019.

SEMÁN, Pablo. **Pentecostalismo y Política En America Latina: Quiénes son? Por qué crecen? En que creen?** Nueva Sociedad, n° 280, marzo-abril de 2019, ISSN: 0251-3552.

SMILDE, David. **Razões para crer: agência cultural no movimento evangélico latino-americano.** Eduerj, 2012.

SOUZA, Carlos Henrique Pereira. **Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil.** Horizonte: Belo Horizonte, v. 18, n. 57, p. 1188-1225, set/dez. 2020.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam.** São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo.** Editora Vida, 2009.

TV BRASIL. Presidente Bolsonaro cumpre agenda em Israel. 2019. Disponível em:. Acesso em: 12/12/2022.

VALERIO, Samuel. **Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo: convergências.** Revista Brasileira de História das Religiões, ano XIII, n. 37, mai/ago de 2020.

ZIMMER, Luis Gustavo de Araújo. **A RELIGIÃO NA POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO: PENTECOSTALISMO E ISRAEL.** Trabalho de Conclusão da graduação em Relações Internacionais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico Departamento de Economia e Relações Internacionais, 2021.